
CAPÍTULO 5

NOSSAS BANDAS MUSICAIS

Júlio Manoel Domingues – Setembro/08

Índice

I. INTRODUÇÃO, 288

1. Canto gregoriano e a origem das bandas, 289
2. Mestre, diretor e maestro, 290
3. A banda de música e suas funções, 291
4. Músicos, 291
5. Corporações Militares, 292
6. Fragmentos da História da Música em São Paulo, 293
7. Do Maracá à Banda de Música, 293

II. HISTÓRICO, 294

1. Primeiros Músicos, 298
 - 1.1 Contemporâneos de João Gorga, 298
 - 1.2 Músicos que tocaram com Mestre Chico e João Tonhã, 298
 - 1.3 Músicos de destaque, 298

2. ASSOCIAÇÃO CULTURAL SANTO ANTÔNIO, 299

- 2.1 João Gorga, 300
- 2.2 Pedro Maciel de Almeida Caldeira, 300
- 2.3 Francisco Aires de Oliveira (Mestre Chico), 301
- 2.4 João Serafim de Abreu (João Tonhã), 301
- 2.5 Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristóvão), 302
- 2.6 Roque Soares de Almeida, 302
- 2.7 Cezarino Antunes Correa, 302
- 2.8 André de Almeida Machado, 303
- 2.9 Presidentes da Corporação M. Santo Antônio, 303
- 2.10 Diretores e Sócios, 303
- 2.11 Sede Social, 304
- 2.12 Primeira subvenção, 304
- 2.13 Fardamento, 304
- 2.14 Conjunto Musical, 304
- 2.15 Destinação do prédio, 304
- 2.16 Exclusão de músicos, 304

- 2.17 Excursões, 305
- 2.18 Títulos de benemerência, 305
- 2.19 Carta renúncia, 305
- 2.20 João Paulino da Silva, 305
- 2.21 Pedro Nogueira Filho, 305
- 2.22 José Carlos Rosa, 306
- 2.23 Rui Nunes Ribeiro, 306
- 2.24 Ivo Mendes, 306
- 2.25 Locais de ensaio, 306
- 2.26 Roque – o jogador de futebol, 307
- 2.27 Roque Machado – músico, 307
- 2.28 Giocondo Rossi, 307

3. CORPORACÃO MUSICAL SANTA CECÍLIA, 307

- 3.1 Fundação, 308
- 3.2 Ata de fundação, 308
- 3.3 Presidentes, 309
- 3.4 Maestros e músicos, 309
- 3.5 Diretores e sócios, 309
- 3.6 Excursões, 310
- 3.7 Maestro Praxedes de Campos, 310
- 3.8 Maestro Lázaro Nogueira da Silva (Pingo), 310
- 3.9 Diretoria Tri-campeã, 311
- 3.10 A grande campeã, 311

4. CORPORACÃO MUSICAL PORANGABENSE, 311

- 4.1 A primeira diretoria, 311
- 4.2 Bandinha do Pingo, 312
- 4.3 Músicos da Bandinha, 313
- 4.4 Destaques da Bandinha, 314
- 4.5 A última apresentação, 314
- 4.6 Desativação definitiva, 314
- 4.7 A última diretoria, 315

III. SAUDADES, 316

IV. CONCLUSÃO, 320

V. AGRADECIMENTOS, 321

VI. BIBLIOGRAFIA, 322

I. INTRODUÇÃO

*"A banda,
a banda
que passa em dia de festa...
os acordes do "Capitão Portela"
despertando nas campinas verdejantes
os clarins dos galos distantes
e nas esquinas de antigamente
as saudades adormecidas
na calma do tempo..."*

Raymundo Farias de Oliveira

(Prece ao Vento)

A banda de música tradicional vem morrendo há muito tempo; desaparece lentamente pela mudança dos costumes e, principalmente, pela concorrência da música eletrônica. As que restaram, enfrentam dificuldades. Hoje, para sonorizar festas e eventos já existem outras alternativas, consideradas modernas e menos custosas. Alie-se, a tudo isso, a alta tecnologia empregada na produção de discos, aparelhos e instrumentos musicais eletrônicos, computadorizados, com sonoridade e recursos excepcionais. Entramos na era da automação e o músico instrumentista, que era a figura principal nas apresentações musicais, já é dispensável. Outro complicador para o sumiço das corporações é o crescente desinteresse dos jovens em aprender música.

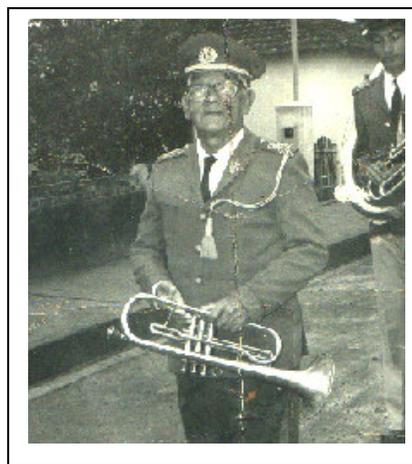
Tocar andando e com gente atrás, não dá mais...! Dizem que são "coisas" do passado, fora de moda; outros ousam afirmar que as bandas já desempenharam o seu papel no cenário cultural brasileiro. A verdade é que faltam incentivos e apoio financeiro àquelas que sobraram. A própria sociedade, sempre influenciada, vai na onda, já aceita e busca outras opções musicais.

Antes, mesmo com as inúmeras dificuldades existentes, a oportunidade de estudar música era bem mais fácil, justamente na banda, e alcançava os jovens mais pobres.. Em cada vilarejo existia o "mestre de banda" e a sua charanga (no bom sentido) com muitos músicos e aprendizes.

Hoje, inclusive para os mais pessimistas, é certo que a música instrumental jamais morrerá, apesar das deficiências de ensino, etc., mas, como arte popular, como significou a banda de música no passado, está agonizando.

Outros motivos que influíram no crescente desinteresse dos jovens pela música, refletindo, indiretamente, na formação das bandas e no aprendizado instrumental, foram:

- a falta de mestres de banda (não houve substituição); b) a música tornar-se uma opção artística cara nas escolas particulares, totalmente inacessível aos menos abastados; c) a surpreendente extinção da cadeira de música no currículo do 1.º e 2.º. graus; d) o desaparecimento dos orfeões e corais nas escolas ginásiais, quando os alunos eram despertados para o canto musical.



Antônio de Oliveira Pinto
Maestro

Em compensação, mesmo sendo um paradoxo, hoje, os musicólogos afirmam que enquanto a música de banda morre, a música erudita cresce entre os jovens. As orquestras sinfônicas estão em ascensão.

1. *"É importante ressaltar que esse fenômeno que assola as grandes orquestras do nosso país é identificado pelo radical rejuvenescimento de seus quadros; atualmente, os circunspectos professores de idade avançada, que iam aos ensaios de terno e gravata, foram substituídos por músicos de bermuda e camiseta, que usam "rabo de cavalo", e brincos" (1)*

Acontece no nível mais privilegiado da sociedade brasileira que engloba os jovens de classe média, enquanto os outros, os menos favorecidos, que teriam na banda a opção de aprendizado, voltam a atenção para outras atividades.

¹ Revista Veja, edição n. 1372 – pág. 138.

Para entender a história das bandas de música tradicionais no Brasil, é preciso uma retrospectiva que englobe o surgimento da música, a evolução do canto litúrgico (principalmente), o nascimento das corporações, as suas características, os músicos, mestres e maestros, a influência alienígena, etc.

1. Canto Gregoriano e a origem das bandas musicais

A maioria dos livros sobre a “História da Música” apresenta introduções sobre a arte musical dos chineses, dos indianos, dos povos do Oriente Antigo; discussões sobre a teoria e os fragmentos existentes da antiga música grega, e descreve, ainda, o desenvolvimento da polifonia vocal até seu aperfeiçoamento no século XIV. Ora, a literatura, as artes plásticas, a filosofia seriam incompreensíveis sem o conhecimento dos seus fundamentos greco-romanos, mas o mesmo não ocorre com a música, pois, segundo a tese defendida por Otto Maria Carpeaux, no seu livro “Uma Nova História da Música”, esse produto autônomo da civilização ocidental moderna não teve suas origens na Antiguidade, que se costuma chamar clássica. Não desconsiderando a hipótese de tão importante crítico e historiador, é conveniente inserir alguns fundamentos da música dos gregos e romanos.

“A música grega, como uma arte bela, tinha a teoria musical baseada em leis físicas e foi aceita pelo sistema musical moderno que adotou os mesmos princípios. Tinha já o poder educativo. Em 600 a.C., Terpandro compôs melodias (nomos), às quais se atribuíram grande eficácia sobre os costumes. Ele serviu-se de uma notação musical, da qual não temos sequer traços; adicionou mais três cordas à lira, que só possuía quatro. Especialmente, no princípio, os gregos tinham em grande honra a música vocal: toda poesia grega, a épica, a dramática, era cantada ou recitada musicalmente para acompanhar o canto. Pitágoras de Samos (469/470 a.C.) fundou o sistema musical que lhe tomou o nome; encontrou as relações numéricas entre os tons e estabeleceu os intervalos, baseando o seu sistema em leis matemáticas, não harmônicas, e adicionou uma oitava à corda da lira. A música grega atingiu o seu apogeu no século de Péricles, que pelo florescimento de todas as artes, se chamou o “século de ouro” da cultura grega. Nas “tragédias” (peças dramáticas) já eram notados os coros que cantavam com o acompanhamento de instrumentos, tais como flautas e cítaras. Existiam ainda outros instrumentos, como a siringa (série de tubos de vários comprimentos), que foi o primeiro fundamento do órgão; a tromba reta e o corno, espécie de tromba recurvada. Nem no melhor período da produção musical grega, nem em seguida, os gregos conheceram o que nós chamamos de harmonia, isto é simultaneidade de sons diversos - as vozes e os instrumentos executam a mesma melodia em uníssono e, às vezes, em oitavas. Quando a república grega perdeu a primitiva grandeza e antigas melodias foram descuidadas, Aristoxeno (350 a.C.) escreveu três livros de elementos de harmonia, no

quais, afastando-se de Pitágoras, colocou o ouvido como juiz supremo da música e não as leis da matemática.

Os romanos importaram a música da Grécia e, em Roma, ela foi cultivada muito tarde, já em pleno período imperial. Esse povo, essencialmente guerreiro, ocupava-se das conquistas e não dos estudos das coisas abstratas, constando que os velhos romanos procuravam evitar a importação das artes e da filosofia que vinham daquele país, temendo que disso resultasse danos à sua população. A música servia apenas para o acompanhamento de bailarinas e funâmbulos (equilibristas), sendo executada pelos escravos e sem qualquer finalidade educativa. Nero sempre ambicionou a fama de artista musical, mas, na sua época, a música atingiu baixíssimo nível, tanto que o Imperador cultivando-a, obteve mais desdouro que glória. A poesia romana dos melhores autores não era recitada com acompanhamento musical. Quanto aos instrumentos musicais, parece-nos que o primeiro entre os romanos foi a flauta, com o nome de tibia, e que servia também, entre outros fins, para assinalar o ritmo de cada golpe do remo, nas naves, para celebrar o triunfo dos vencedores. Tocava-se, ainda, a flauta enquanto os escravos eram açoitados, porém servia para acompanhar a ação no teatro. Como instrumentos guerreiros, os romanos usavam a tuba, trombas retas de sons graves, a buzina em espiral e talvez semelhante ao nosso trombone. É natural, pois, que Roma tomasse alguma coisa de toda civilização sujeita ao seu poder; assim possuía a cítara e a lira, que vindas da Itália meridional, já eram de origem grega”.⁽²⁾

Feito o registro de forma sintética da evolução da música no período clássico, para entender o fenômeno que gerou as bandas musicais é preciso considerar, inicialmente, o **Coral Gregoriano** ou o **Cantochão** ou o **Canto Litúrgico da Igreja Romana**. Sem dúvida, escondem-se nas melodias do cantochão fragmentos dos hinos cantados nos templos gregos e dos salmos que acompanhavam o culto do Templo de Jerusalém, porém é impossível apreciar a proporção em que esses elementos entravam no cantochão. As qualidades características do Coral Gregoriano são a inesgotável riqueza melódica, o ritmo puramente prosódico, subordinado ao texto, dispensando a separação dos compassos pelo risco, e a rigorosa homofonia: o cantochão, por mais numeroso que seja o coro que o executa, sempre é cantado a uníssono, a uma voz. A nossa música é, em todos os seus elementos, diferente do cantochão, que parece pertencer, histórica e teologicamente, a um outro mundo: é a música dos céus e de um passado imensamente remoto. **As bandas de música nasceram do “cantochão”, ou seja do canto gregoriano, da música do mestre-de-capela, ou das capelas das catedrais e muitas matrizes, pelo abandono das vozes e o reforço da instrumentação de sopro.**

O canto gregoriano era uma melodia simples, sem acompanhamento, cantado por um solista vocal ou por um coro em uníssono; esta forma simples de arte forneceu a

² Artigo do professor Nacif Farah – Jornal “O Progresso de Tatuf” – republicado pelo historiador Roberto Ferreira de Camargo – dez.97.

base para quase toda música medieval. O *Theatrum Ecclesiasticum* é um manual sobre o cantochão para as igrejas, escrito em 1743 e organizado por frei Domingos do Rosário, um dos cantochonistas de Mafra (Portugal), criado por D. Pedro V; aí se pode rastrear a origem da música não sacra da procissão e daquela que se liberou da Igreja e já era usada nas danças permitidas nas procissões portuguesas. A banda veio aos poucos de Portugal; aqui cresceram as influências do índio e do negro. Em Pedrogão Grande (Portugal), em 1612, as tais danças foram acompanhadas pelos mais variados instrumentos. Mas, quando se formou, o que estamos entendendo por banda de música, já a música se emancipara do canto. No mundo inteiro ocidental essa origem é a mesma, com nomes iguais ou pouco diferentes. A música do mestre-de-capela já saía à rua, quando surgiram as primeiras bandas militares em 1802. A instituição dos mestres-de-capela durou mais nas catedrais por ordem do Império e sua figura continuou, às vezes, no mesmo mestre de banda e de orquestra. Chegava mesmo a ter as duas individualidades distintas, com quase os mesmos músicos, de modo que abandonando completamente o cantochão, ouviam-se mais nas nossas igrejas, ao mesmo tempo, algumas músicas profanas demais e outras religiosas. Nunca se encontrará um documento que prove a mudança do mestre-de-capela ao dissolver o seu conjunto instrumental e vocal, transformado-o em banda e orquestra. A partir da metade do século passado, principalmente no interior de São Paulo, era comum encontrar muitos mestres de orquestra ao mesmo tempo mestres de banda. Muitos músicos também figuravam nas duas, já que se admitiam instrumentos de sopro em grande quantidade nas igrejas. Existiam, inclusive, peças sacras para bandas e que eram tocadas nas missas da mesma forma que os instrumentos de corda. Outro indício: não se encontrar, principalmente no interior, um compositor de música sacra e mesmo de música comum que não tivesse sido mestre de banda, o que acrescentava a comprovada influência do cantochão sobre a música popular no Brasil.

Ainda não se falava, textualmente, em banda de música, não militar. O nome surgiu, por exemplo, num documento de 1842 da Fábrica de Ferro Ipanema, descrevendo os instrumentos e fardamento. Curiosamente essa banda era formada por *negros* - escravos e descendentes. Farda, até hoje usada, é influência militar. Do cantochão o ritmo e os nomes das peças executadas andando: dobrado e marcha. Um costume que desapareceu completamente, mas que é forte sinal da ligação com o cantochão, era o acompanhamento de enterros pela banda, cujas músicas tocadas eram as mesmas do mestre-de-capela, anteriormente cantadas com acompanhamento de instrumentos de corda e um ou outro de sopro.

- A palavra **banda** é de origem germânica, deriva de **bando**. Por exemplo: *bando de casamento* é a proclamação do casamento. As *cornetas e tambores*,

acompanhando um oficial que fazia uma proclamação, formavam um bando. Nos tempos coloniais era assim que anunciavam os decretos, leis, festividades, etc. Portanto, do bando veio a banda militar de cornetas, tambores, pífanos, e desta a banda militar ou de regimento, completa.

A diferenciação da música de igreja do mestre-de-capela em todo mundo cristão, não só no Brasil, operou-se na orquestra, em que a princípio predominavam os instrumentos de corda, e em **banda de música militar**. Desta veio a **banda de música civil**, popularmente chamada de banda. Possivelmente, houve a transformação de “bando” em “banda”. As bandas, no território brasileiro, eram mantidas pelas prefeituras, sociedades privadas e alguns benfeitores. Houve até Igreja que manteve banda. A verdade, porém, é que os músicos pouco ganhavam, quando muito o “mestre” tinha uma ajuda de custo mensal, e as outras fontes de receitas eram os pagamentos recebidos por apresentações em eventos, principalmente nas festas religiosas, quando o dinheiro recebido era repartido entre todos os componentes. Para manter a banda, a diretoria procurava angariar recursos através de rifas, quermesses, livros de ouro, listas de contribuições, etc. Normalmente, o maestro e alguns músicos destacados eram contemplados com empregos públicos, pois, assim, a banda conseguia sobreviver.

2. Mestre, diretor e maestro

No “*Almanaque Seckler para São Paulo*”, em 1883, não aparece nenhuma vez a palavra maestro; é mestre de música e, mais comumente, diretor. Nos jornais do interior, principalmente, até 1910, acontecia a mesma coisa. O vocábulo *maestro* é bem mais pomposo, mais erudito, de origem italiana e era usado nos grandes teatros e operas. Tornou-se popular a partir da segunda metade do século passado. Antes, portanto, falava-se em mestre de banda, mestre de música, vestígio da íntima ligação com mestre-de-capela. É importante considerar, também, que o antigo professor primário de primeiras letras era chamado de mestre e, conseqüentemente, aquele que ensinava música era assim conhecido. Coincidentemente, no último século, antes do desenvolvimento da instrução pública, muitos mestres de banda ensinavam também as primeiras letras. Até hoje existem pessoas que falam mestre de banda. Fato curioso é que até os próprios italianos, naquela época, rejeitavam o chamamento de maestro, como foi o caso do folclórico José Italiano, na cidade de Tietê, no ano de 1883.

Além dos conhecimentos musicais, o mestre de banda era geralmente um homem dotado de qualidades morais, também necessárias à boa aplicação de sua arte. Começava ensinando meninos e moços - **os aprendizes**, e

passava a exercer uma certa ascendência sobre os mesmos. Líder, possuía carisma. Íntegro, disciplinador, sabia dar ordens, defendia e representava os seus subordinados. Tratava dos acertos financeiros e do rateio das gratificações conforme o mérito e o trabalho de cada um. Salvo raríssimas exceções, nenhum mestre e nenhum músico não militar, viviam exclusivamente da arte musical. Normalmente, exerciam uma profissão e à noite dedicavam-se à banda. Era, quase sempre, o homem dos sete instrumentos; conhecia, praticamente, todos na teoria e na prática. Enquanto a maioria dos músicos tocava mais na base do ouvido do que na teoria musical, os mestres conheciam composição e harmonia, copiavam as mais variadas partituras e eram bastante fortes nos solfejos. Era comum ouvir um dobrado novo e, imediatamente, organizar a partitura. Para medir a capacidade do mestre, nada melhor do que a execução do hino nacional brasileiro, que não era para todas as bandas; aquele que conseguia de seus músicos uma boa execução era bom mesmo. As bandas, com raras exceções, possuíam a figura do imediato, do substituto eventual do mestre - o contramestre.

3. A banda de música e suas funções

O crescimento das bandas se deve à predileção pelos instrumentos de sopro, não pela falta da orquestra, pois a mesma banda de música que tocava na igreja também animava os bailes. Acrescente-se o fato de ser muito mais fácil, nos povoados e nas pequenas comunidades, sustentar uma boa banda e não uma orquestra. Como a banda de música nasceu, praticamente, dentro da capela católica, existia o costume de participar de todas as festas cristãs, tanto na parte religiosa como profana; especialmente na alvorada, nas novenas, nos leilões e nas procissões. Tocavam, também, nas manifestações para homenagear figuras importantes, nos cortejos formados para comemorar vitórias políticas, nas despedidas de pessoas ilustres, em casamentos, nos bailes tradicionais e carnavalescos, nos desfiles cívicos, nos enterros e até nas serenatas. Era muito requisitada e, dentre as atividades marcantes, destacavam-se os concertos e retretas, apresentações públicas no coreto da praça principal, quando mostravam um repertório mais elaborado, com peças de operas clássicas, além das composições tradicionais.

Os primeiros concertos foram de orquestra e piano, música clássica ou pelo menos erudita; porém, foi a banda de música que popularizou a “coisa” nos palanques e coretos, ao ar livre. A banda de música tocando no cinema foi uma outra grande participação. Com o aparecimento do cinema, uma espécie de gênero espetáculo como o teatro, houve a necessidade da música. Como os filmes não eram sonoros, a banda tocava antes, ao iniciar a

sessão e, depois, nos momentos certos - geralmente uma valsa sentimental na cena dramática ou música alegre na cena cômica.

-
- *Às vezes acontecia um pequeno engano, a troca da partitura e do ritmo, como contam os mais idosos, gerando surpresa e estupefação aos assistentes, com uma música alegre numa cena triste e vice-versa.*
-

A sonorização dos filmes dispensou a banda.

Existiam os mais variados tipos de bandas musicais: as militares, que hoje ainda existem, as corporações formadas por escravos, negros, estrangeiros, corporações nos seminários, fábricas, colégios, etc.

Na vida de uma corporação musical, mais recentemente, o ponto culminante era participar de concursos de bandas a nível regional ou estadual e obter boa classificação que propiciasse, além do prêmio, a fama, o reconhecimento profissional e a projeção da cidade. Até, há pouco tempo, esses eventos patrocinados pelos municípios e o próprio governo estadual eram comuns pela grande quantidade de bandas ativas. As comissões julgadoras eram formadas por pessoas habilitadas, geralmente professores, músicos e maestros.

4. Músicos

Tivemos no Brasil, a partir do século 19, músicos de todas as raças e misturas (caboclos, cafuzos, mamelucos, etc), com destaque para os negros e, principalmente, os descendentes de italianos. Foi muito grande a influência dos músicos europeus na formação dos nossos instrumentistas de banda. Por outro lado, já no começo do século 20, era comum encontrar no interior deste país famílias inteiras de músicos, bons executantes, afinados e que chegavam a sustentar toda banda.

-
- *Dessas famílias, algumas eram de “quatrocentos anos” e outras bastante modestas. Assim foram os “Tonhãs”, alcunha dos Abreu, em Guareí, no sul paulista. O pai era exímio no oficlíde, os filhos em tudo. Mudavam-se muito. Sapateiros quase sempre. Eram valentes, não levavam desaforos para casa; o trombonista (músico excepcional, talvez o melhor de todos!) pagou com a vida o seu gênio forte; foi assassinado em Bofete.*
-

Alguns músicos franceses e italianos, pioneiros, que chegaram ao Rio de Janeiro, merecem ser citados. A revista do Arquivo Nacional, Rio, 1960, publicou que, no ano de 1812, além dos cantores que D. João VI mandou vir, chegaram alguns músicos que conseguiram viver somente de música por causa do teatro. São citados:

- *Francisco Ansaldi, italiano, chegou de Montevideu em 1810; Christiano Antoni, italiano, chegou da Bahia em 1813; Jean Antoine Gabriel, francês,*

chegou em 1816; **Care Claude Joubert**, francês, chegou em 1816; **Giuseppe Moraglia**, italiano, chegou em 1819 e foi músico do Teatro São João; **José Nardi**, italiano, copiadador de música, chegou em 1811; **Aleixo Prosper Ribes**, francês, chegou em 1817; **Lorenzo Salvini**, italiano, chegou em 1819, músico do Teatro São João.

Obs.: A importância do tema exigiu informações adicionais sobre a origem da banda de música, a história e, então, nada melhor do que o trabalho do **historiador e folclorista guareense Alúcio de Almeida** sobre o “Folclore da Banda de Música”, do qual transcrevemos resumidamente quase a totalidade da parte introdutória. O escritor, natural de Guareí, onde nasceu a 8 de novembro de 1904, cujo pseudônimo o imortalizou, era o **padre Luiz Castanho de Almeida**, uma das culturas proeminentes da região, mas, infelizmente muito pouco divulgado fora do ambiente acadêmico. Foi uma das mais expressivas figuras da Igreja e Historiografia do Brasil com inúmeros trabalhos de investigação histórica e de pesquisa folclórica. Nos últimos anos de sua vida dedicou-se ao estudo de um dos mais importantes temas da história de São Paulo - o tropeirismo e as famosas feiras de Sorocaba. Faleceu no ano de 1.981. Dele, disse Afonso de Taunay: “era um homem que sabia e resabia”, para mostrar a excelência de sua contribuição à história de nossa gente e de nossa terra”.

5. Corporações Militares

Segundo **José Ramos Tinhorão**, na obra “História Social da Música Brasileira”:

“A continuidade da tradição da música instrumental, tão a gosto da população, iniciada no Brasil Colônia em meados do século 18 pelos ternos de barbeiros com a chamada música de porta de igreja, ia ser garantida pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos e pelas pequenas bandas musicais ou líricas formadas pelos mestres interioranos. Formadas, a partir do século 19, em alguns regimentos de primeira linha, em substituição à confusa formação de músicos tocadores de charamelas, caixas e trombetas vindos dos primeiros séculos de colonização, as bandas militares tiveram organização e vida precária até a chegada do príncipe D. João com a corte portuguesa em 1808.

Na verdade, quando o príncipe regente desembarcou no dia 06/03/1808, no Rio de Janeiro, vindo da Bahia, o cronista Luiz Gonçalves dos Santos, o padre Perereca - que relatou todos os lances da chegada em sua “Memória para Servir à História do Brasil”, não encontrou bandas para citar, declarando apenas ter ouvido “alegres repiques de sinos”, os sons de tambores e dos instrumentos

músicos, misturados com o estrondo das salvas, estrépitos de foguetes e aplausos do povo.

A existência de uma banda naquele dia festivo não teria escapado ao minucioso padre Perereca, pois, dez anos mais tarde, em 1818, quando o mesmo príncipe D. João foi aclamado rei com o título de D. João VI, não esqueceria de anotar a presença de uma numerosa banda de música dos regimentos de guarnição da Corte.

A formação de bandas militares durante o período colonial deve ter esbarrado na dificuldade em incorporar instrumentistas de sopro num tempo em que seriam raros, dificuldade que logo explicaria, aliás, a posição especial que gozariam os músicos fardados quando se iniciou a profissionalização.

Atraídos para os quadros militares por sua rara qualificação, músicos civis vestiam a farda e passavam a fazer parte dos corpos-de-tropa, muitas vezes conservando os seus próprios instrumentos, o que os levava a se comportar não como militares, mas como funcionários contratados, equiparados aos oficiais para efeito de soldo. Após a Independência de 1822, quando esse problema de preenchimento dos quadros de músicos militares se tornou mais grave (a luta contra a resistência das tropas portuguesas aumentava nos batalhões), a única forma de contar com músicos foi o recrutamento, o que encheu os quartéis de amadores.

Somente no período posterior à Independência, as bandas dos regimentos de primeira linha começaram a merecer maior atenção. As bandas de música da Guarda Nacional, surgidas depois de 1831, foram as primeiras a incluir em seu repertório, além dos hinos, marchas e dobrados, peças de música clássica e popular. A iniciativa marcou o início da competição da música, institucionalmente organizada, com aquela criada e executada espontaneamente - a música dos **barbeiros**, que, até então dominava com exclusividade, pelo menos, o setor das festas de adro.³ As bandas da Guarda Nacional contribuíram para a valorização da profissão de músico, através da guerra de

³ **Barbeiros** - Realmente, dentre as atividades historicamente desempenhadas no Brasil Colônia por negros livres ou a serviço de seus senhores, a que por seu caráter de atividade liberal mais conferia destaque pessoal era a de **barbeiro**. O barbeiro, pela brevidade mesma do serviço - fazer barba ou aparar cabelos era questão de minutos - sempre acumulava outras atividades compatíveis com sua necessidade manual e era representada pela função de arrancar dentes e aplicar bichas (sanguessugas). Essas especialidades, sempre praticadas em público, situavam os barbeiros numa posição toda especial em relação às profissões mecânicas ou demais atividades de caráter puramente artesanal. E como seus serviços em tal atividade liberal lhe permitiam tempo vago entre um freguês e outro, os barbeiros puderam aproveitar esse lazer para o acrescentamento de outra arte não mecânica ao quadro de suas habilidades - a atividade musical.

História da Vida Pública e Privada no Brasil – vol 2, Cia. de Letras.

Adro = terreno em frente e/ou em volta da igreja, plano ou escalonado. Dicionário Folha/Aurélio – pág.17

prestígio, concorrendo com as bandas militares dos regimentos de primeira linha, pois o fato de ser músico da primeira, além da dispensa de todos os serviços militares, ainda servia para desculpar até mesmo infrações mais graves.

O fato é que, com essa valorização das bandas de tropas da primeira linha e da Guarda Nacional, centenas de músicos de origem popular encontravam a oportunidade de viver de suas habilidades e do seu talento, contribuindo para identificar com o povo, através da música de coreto e de festas cívicas, um tipo de formação instrumental muito próxima das orquestras das elites. No que se refere à música popular brasileira, a maior contribuição das bandas militares foi, inegavelmente, as criações do **maxixe** no Rio de Janeiro e do **frevo** em Pernambuco”.

6. Fragmentos da História da Música em São Paulo

Este tópico fundamenta-se no trabalho de Carlos Penteadou Rezende, (São Paulo, Terra e Povo), membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, cujo conteúdo enriquece a matéria.

A persistência, no espaço e no tempo, de certos fatos ou situações, determina a existência de um ciclo, o qual tende, invariavelmente, a ser substituído por outro. Os ciclos se sucedem, mas não se separam; portanto, é lícito, condensar os fatos da *História da Música Paulista* nas seguintes fases:

- **Primeiro Ciclo** - (1500-1800) - *música religiosa e as manifestações primitivas de aborígenes, lusos, africanos e mestiços;*
- **Segundo Ciclo** - (Século 19) - *modinhas, batuques, operas, pianos, saraus, compositores, teatros, professores particulares, concertos, lojas e depósitos, bandas de música;*
- **Terceiro Ciclo** - (Séculos 19 e 20) - *nacionalismo musical, virtuosismo pianístico, conservatórios, teatros, sociedades musicais, musicologia, compositores.*

7. Do Maracá à Banda de Música

Os primeiros moradores paulistas tiveram durante décadas precárias condições de vida, tanto no litoral como no planalto, por conta do isolamento, da pobreza de recursos, por temer as represálias dos nativos, sendo ambiente totalmente desfavorável para o cultivo da

música entre aqueles europeus. Pergunta-se: que espécie de instrumentos poderiam, porventura, ter trazidos de sua distante civilização? Não seria absurdo, nem impossível que tivessem alguns instrumentos de sopro, percussão ou de corda, como flauta, gaita, tambor, ou mesmo guitarra, que era muito conhecida na Península Ibérica desde o século 14. Também poderiam cantar, rememorando velhas toadas do além-mar. Por outro lado, a música dos silvícolas era bastante rudimentar e, invariavelmente, ligada às manifestações religiosas das tribos, vinculada à guerra, à morte, às doenças, à partida para a caça, às colheitas, etc. Usavam instrumentos rústicos, diversos, como os chocalhos (maracá), trombetas, flautas, assobios e também os chamados bastão de ritmo. Esse era o cenário musical nos agrupamentos sociais de brancos e índios, quando chegaram os Jesuítas à Capitania de São Vicente.

No final do ano de 1549, ali desembarcou o padre Leonardo Nunes, vindo da Bahia, com a missão de evangelizar e catequizar os índios, além de reprimir os abusos dos europeus. A tática missionária adotada consistia em doutrinar primeiramente os meninos índios, os quais se encarregariam de instruir os pais. A música com seus poderes de encantamento favorecia amplamente a tarefa, pois já era sabido que os índios a amavam depois da experiência desenvolvida pelo padre Aspilcueta Navarro, na Bahia, que aproveitou os cânticos lascivos e os transformou em cânticos de fé.

No ano de 1550, formou o padre Nunes “uma espécie de seminário ou colégio” e ensinou aos meninos órfãos e filhos de nativos a ler, escrever, a falar português, latim, e a cantar. A 2 de fevereiro de 1553 foi inaugurado o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente, com a presença do padre Manoel da Nóbrega, que, em carta ao superiores, escreveu: “Nesta Casa tem os meninos os seus exercícios ordenados. Aprendem a ler, escrever e vão muito avante; outros a cantar e tocar flautas...”. Acrescenta o historiador Serafim Leite a informação que “já estava presente o Irmão Antônio Rodrigues, excelente musicista, capaz de ensinar canto, flauta e de formar coros”.

Pode-se afirmar que a história da música em São Paulo teve início com a presença dos Jesuítas em seu território

A respeito das aptidões musicais dos nativos, escreveu mais tarde Simão de Vasconcelos:

“São afeiçoadíssimos à música e, os que são escolhidos para cantores da Igreja, prezam-se muito do ofício. Saem destros em todos instrumentos musicais, charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes. Portanto, no começo da vida de Piratininga, uniram-se as vozes singelas do cantochão, trazido pelos jesuítas, às rudes melodias dos índios.

O padre Manuel Nunes, que havia sido professor e reitor da Companhia de Jesus, ao ser nomeado vigário da Vila de São Paulo, no ano de 1631, tratou logo de regularizar a sua igreja, onde já rezavam missas cantadas com **harpa e baixon**. O que seria baixon? Frei Pedro Sinzig, O.F.M., registra no seu dicionário musical: “*baixão, instrumento de sopro dos séculos 15 a 17; bajon, instrumento antigo semelhante ao fagote, de som áspero, pouco agradável, usado na Espanha, para acompanhar nas igrejas o canto gregoriano e o fabordão*”. (⁴)

O monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo conclui: “*se ali havia harpa e baixo, havia também um coro organizado com bons cantores*”.

Mesmo com a possibilidade de ter existido outros, a primeira menção a um mestre-de-capela em São Paulo é de 1649; chamava-se Manoel Pais de Linhares. No ano de 1657, por provisão, recebeu licença para “fazer o compasso” e exercer o “cargo de mestre-de-capela” o músico Manoel Vieira de Barros. Documentos do século 18 mostram a figura do mestre-de-capela em outras cidades paulistas, como Sorocaba, Itu, Mogi das Cruzes, Santos, São Sebastião, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, pelo menos. Mesmo com as limitações próprias da época (formação musical deficiente para músicos e cantores, carência de solfas, partituras e instrumentos), merece ser destacada a atuação desses abnegados músicos nos ambientes urbanos e que não se restringiu aos meios eclesiásticos, nem as funções litúrgicas. Tinham um importante papel na vida social, lecionando, ensaiando, despertando vocações.

Segundo Aluísio de Almeida: “*a música do mestre-de-capela saía também à rua e foi a precursora das bandas musicais atuais*”.

No ano de 1706 faleceu Antônio Machado do Passo, professor de música da Vila de Itu. Segundo o historiador Francisco Nardy Filho, “*foi ele o primeiro mestre-de-capela da Matriz de Itu; possuía uma orquestra de gente branca e uma banda de homens de cor, ambas por ele dirigidas*” Na, mesma época, ensinava música em Itu, Francisco de Barros Freire. No ano de 1725, nasceu em Santos - André de Moura Sanchez. Aprendeu música com os jesuítas do Colégio São Miguel e se aperfeiçoou sozinho na difícil arte musical. Foi durante muito tempo professor, **diretor de banda** e mestre-de-capela da Matriz daquela cidade.

Em 1770 realizam-se na cidade de São Paulo, entre 16 a 26 de agosto, as grandiosas festas em louvor à Senhora Sant’Ana, patrocinadas por Morgado de Mateus, D. Luiz

Antonio de Souza Botelho, Governador da Capitania, para a introdução da imagem na Capela da Igreja do Colégio. Na programação, no dia 21 - “*função no Teatro da Ópera, com a representação de uma comédia. No prólogo, houve “um número de música, entrando em ação coro e banda, (ao que parece marcial), além de tambores e trombetas*”.

A Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de São Paulo, no ano de 1772, fazia sair às ruas a tradicional procissão da Penitência ou da Quarta-Feira de Cinzas, não faltando a parte musical, como elemento indispensável - a música instrumental, porém, os livros da Ordem, infelizmente, não apresentam elementos esclarecedores.

A mistura do cantochão com as harmonias de operas, principalmente italianas, como acontecia em Portugal, no último quartel do século 18, já era constatada por aqui.

A partir de 1800, ainda, na capital paulista, o povo ocorria em massa às feiras públicas para compras e passeios, contemplando a iluminação pública à noite, ouvindo a “*Música dos Regimentos*”. Dentro desse contexto histórico, evolutivo, da música paulista, **as bandas de música** começaram a se destacar em pleno Império, com grande popularidade. Tudo começou nos tempos coloniais com as bandas militares, ou “música de regimentos”, que animavam os festejos profanos e religiosos. Beyer, Saint-Hilaire e Kidder, viajantes europeus, apreciaram na Paulicéia oitocentista as exibições de bandas militares.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, no embalo do entusiasmo e da grande comoção popular, as bandas fizeram grande sucesso. As bandas civis (corporações, liras, filarmônicas, etc.), por outro lado, apresentando-se garbosamente em festas, procissões e retretas, com seus vistosos fardamentos e impecável instrumental, contribuíram para o desenvolvimento musical da Província. Cidades como São Paulo, Sorocaba, Campinas, Itu, Pindamonhangaba e muitas outras, formaram bandas famosas. Para a consagração dessas corporações foi de importância vital a imigração italiana, após a proclamação da República, pelo entusiasmo e qualidade dos músicos estrangeiros.

II. HISTÓRICO

Existem indícios de que **a banda de música** foi a primeira atividade artística popular no povoado do Rio Feio, iniciada ou continuada pelos italianos que chegaram no final do século 19. É a hipótese mais aceitável, embora existam poucas indicações a respeito.

A referência mais antiga sobre a banda está no Livro do Tombo da Paróquia de Porangaba e refere-se à participação em eventos diversos, a partir de 1899, logo

⁴ *Fabordão = forma antiga de polifonia vocal; música desentoadada, sem pausas. Dicionário Folha/Aurélio – pág. 287*

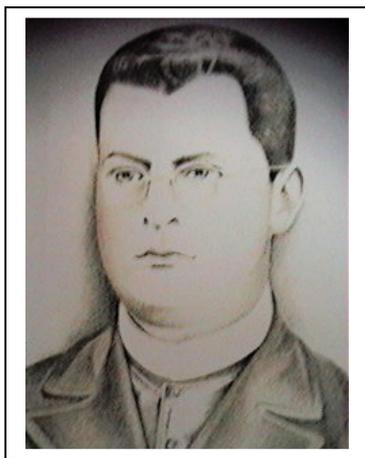
depois da chegada do primeiro padre residente, o italiano José Gorga. Os músicos são citados como colaboradores da Igreja Católica. É a prova irrefutável, considerando, ainda, que tocavam nas festas religiosas e profanas, nas recepções de autoridades e visitantes ilustres, nos leilões, etc.

Fatos registrados no Livro do Tombo, que comprovam:

- *a chegada triunfal do advogado Laurindo Minhoto, no dia 13/10/1899, no encerramento do processo movido pelos protestantes contra os católicos, quando foi recebido por um número considerável de pessoas e a banda de música;*
- *b) no lançamento da pedra fundamental do templo católico que foi construído na cidade: “no dia 01/06/1902, estando reunido o povo desta localidade e a banda de música, colocou-se a primeira pedra...”*

O relatório da paróquia de 1905 mostra que o primeiro maestro foi o italiano **João Gorga**, irmão do padre, e que a associação já se **chamava Banda Santo Antônio**. Com a saída do maestro Gorga, a banda ficou parada durante um período considerável e somente foi reativada com a vinda do maestro **Pedro Maciel de Almeida Caldeira**, de Pirambóia, que comandou por pouco tempo (1911/12).

Caldeira, natural de Tietê, viveu em Pereiras e fazia parte de uma grande família de músicos; já tinha morado na “Bella Vista” no final do século 19, onde inclusive foi escrivão do cartório, casou-se e tocou na banda.



Padre José Gorga

Depois, provavelmente entre 1915/18, veio para dirigir a banda **Francisco Aires de Oliveira, o Mestre Chico**, negro, um dos maiores músicos que por aqui passou. Antes, já estivera como músico da banda, organista e cantor da Igreja Católica. Tocava requinta e desta vez,

veio de Pereiras, convidado por Pedro Nogueira, com o apoio de Domingos Miranda.

Com a saída do Mestre Chico, assumiram a regência por pouco tempo os seguintes maestros: **João Zeferini** (1918/19), e **João Correa**, de Boituva, (1920/22), e, provisoriamente, por algumas vezes, o jovem músico **Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristovão)**.

Pedro Nogueira, mais uma vez, de comum acordo com os músicos foi buscar outro destacado maestro, mais experiente, desta vez, da cidade de Guareí - **João Serafim de Abreu (João Tonhã)** - trombonista.

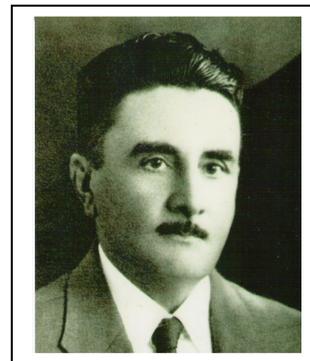
-
- *Os maestros, além de tocar, possuíam outras atividades, com destaque especial ao ensinamento das primeiras letras, porém, como se dedicavam quase que por inteiro ao ensino musical, era comum vê-los com seus aprendizes, nos mais variados horários, na árdua missão de ensinar música, fato esse ratificado pelos discípulos. Um trabalho extraordinário e louvável.*
-

Com a saída do mestre Tonhã, que se mudou para Bofete no final dos anos 20 (século passado), assumiu em definitivo **Toninho Cristovão**, músico formado por Mestre Chico. Este, passou para a história da comunidade pela sua simplicidade, dedicação e amor à música; formou mais de uma centena de músicos. O “**primeiro mestre de banda nascido em Porangaba**”. Eclético, autodidata, arranjador, tocava os mais variados instrumentos de sopro, preferindo o pistão, e, também, piano e órgão. Dirigiu, ininterruptamente, a Banda Santo Antônio até o ano de 1945.

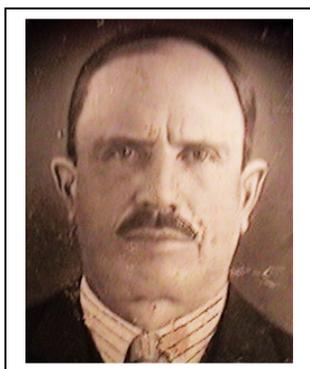
- *Em determinados períodos, a banda chegou a ficar inativa, temporariamente, e, então, para animar as festas eram chamadas as corporações musicais de Guareí e (Passa Três) Cesário Lange. Entre os anos 20 e 40 do século passado, mais ou menos, chegou até a existir na cidade um grupo improvisado (temporário) para animar festas, a “banda infernal”, liderada por João Miranda, João Teles, Abílio Teles, Higino Nordi e outros. Caiu no agrado popular pela balbúrdia que faziam e, mesmo, com a reativação da banda tradicional, eram chamados para participar de alguns eventos.*

Nos anos de 1932/1935, foi destacável o trabalho do maestro Toninho na formação de novos músicos, dentre os quais três viriam se tornar maestros famosos – Cezarino Antunes Correa, Roque Soares de Almeida e

André de Almeida Machado, marcando uma fase bastante profícua e auspiciosa à Banda Santo Antônio. Os conterrâneos mais antigos lembram com emoção do papel da banda, quando aqui estiveram em missões os padres redentoristas Vitor e Silva, em 1933, em pregações e, também, para o levantamento do primeiro “cruzeiro” (todos ainda se recordam da grande cruz de madeira que ficava tão longe, imaginem!, onde hoje começa a avenida deputado Amadeu Narciso Pieroni, no caminho do ginásio estadual.



Domingos Manoel de Miranda



Pedro Domingues Nogueira

A partir de 1945 passou a alternar a regência com **Cezarino Antunes Correa**, seu discípulo, desligando-se por motivos políticos, definitivamente, no ano de 1948. Durante todo tempo que esteve à frente da banda, contou com o apoio de João Paulino da Silva (Janguinho), outro músico importante, o seu contramestre. Quando Pedro Nogueira se afastou da corporação, já na década de 30 (século passado), pediu para que Toninho e Janguinho passassem a comandar a banda.

Receberam o fardamento de presente e os instrumentos para pagamento posterior, o que foi feito no prazo de um ano. Na oportunidade foi significativo, para a sobrevivência da banda, o apoio dado por Domingos Manoel de Miranda, cuja atuação o qualificou como um dos mais destacados diretores, o **primeiro presidente honorário** da Banda Santo Antônio. Em 1932, a diretoria tinha a seguinte formação:

- presidente: Domingos Manoel de Miranda; vice-presidente: Joaquim da Costa Machado; diretor: Giocondo Rossi; tesoureiro: José Martins e secretário: Luiz Carlos Vieira.

Nos anos 1933/35, a banda atravessou uma fase auspiciosa sob o comando de Toninho Cristovão, com a formação de novos músicos que viriam se tornar nomes importantes à história musical local. Considerando as dificuldades que o grupo diretivo e os músicos enfrentaram no transcorrer do tempo, a banda viveu, alternadamente, períodos de intenso entusiasmo e outros de total apatia, por problemas variados, financeiros, políticos, etc. Saindo de uma dessas fases de indolência, em 25/04/1937, houve o acerto entre os músicos e o vigário da paróquia, padre Horácio Lembo, para reerguer da banda e a mesma passou a ser “dirigida” pela Comissão de Obras da Igreja Matriz, com a seguinte formação: presidente - Francisco Patrocínio São Pedro; tesoureiro - José Martins; secretário - Benedito de Oliveira Vaz.

Conforme constou na ata de reorganização da Corporação Musical Santo Antônio:

- “*de commum accordero, foi resolvido que a Banda de música Santo Antônio, de hoje em diante passa a ser dirigida para sempre pela Comissão de Obras da Igreja Matriz*”.

Foi mantido Antônio de Oliveira Pinto como mestre e indicado como diretor João Paulino da Silva. A gestão durou até o final de 1939 e, para o ano seguinte (1940), foi eleita outra diretoria, mas com a supervisão da Comissão Religiosa.

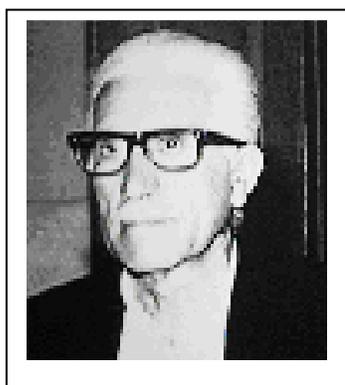
- *Foram eleitos os seguintes membros: presidente - Giocondo Rossi; vice-presidente - João Pedroso de Oliveira; tesoureiro - José Martins; 1º. secretário - Benedito de Oliveira Vaz; 2º. secretário - Aldo Angelini; diretor - Agostinho Angelini. Faziam parte da Comissão Religiosa: Francisco Patrocínio São Pedro e Domingos Manoel de Miranda.*

Ainda, sob a influência da Igreja Católica, no ano de 1942 foi escolhido Francisco Patrocínio São Pedro para a presidência, sendo mantidos os demais diretores.

A separação da banda da Igreja Católica de Porangaba somente ocorreu em 01/12/1942, por motivos diversos, mas, precisamente, para se livrar da dependência e exclusividade da instituição religiosa. Começou, então, uma nova fase para a corporação com a eleição da diretoria para o exercício de 1943:

- presidente - Luiz Manoel Domingues; vice-presidente - João Batista Mendes; secretário - Aldo Angelini; tesoureiro - José Martins; diretor - Agostinho Angelini. Comissão Disciplinar e de Contas: Eurico Fogaça, João Rosa de Oliveira e dr. Aniz Boneder.

Aprovou-se nessa reunião histórica a proposta do dr. Boneder para a renovação dos estatutos e o registro legal da corporação, o que não ocorrera desde a sua formação. No ano de 1944 foi reeleita a diretoria, exceto para o cargo de tesoureiro que foi substituído por Horácio Manoel Domingues. Nesse ano, através da Assembléia Geral Extraordinária realizada no dia 23/01/1944, foram aprovados os novos estatutos da Corporação Musical Santo Antônio. Já, no ano de 1945, surgem os primeiros sinais de antagonismo político envolvendo diretores e músicos, que veio alterar profundamente a vida da corporação. O agravamento da situação repercutiu no resultado da eleição realizada no dia 30/12/1945, quando, através de assembléia geral, foi escolhida a diretoria para o exercício de 1946, com profundas modificações na direção. Foram eleitos: presidente - Luiz Manoel Domingues; vice-presidente - Francisco de Oliveira Pinto; 1º. secretário - José Santos de Campos; 2º. secretário - Erasmo Pedroso de Oliveira; tesoureiro - Hermenegildo Soares Ramos; diretor - Giocondo Rossi. Comissão Disciplinar - Luiz Sola Ares, Amândio Fernandes e Carlos de Almeida Machado. Foi escolhido para maestro o músico **Cezarino Antunes Correa**. Esta diretoria atuou até 08/03/1946, quando encerrou o período que chamaremos de Primeira Fase da Banda.



Cezarino Antunes Correa
Maestro

Nesse mesmo ano, com o objetivo de regularizar a situação jurídica da banda, foi eleita nova diretoria com o apoio total do grupo político dominante. Foi fundada a **Associação Cultural Santo Antônio** em 17/03/1946. Iniciou-se aqui o que propomos chamar de Segunda Fase da Banda, com os músicos ainda unidos, embora ligados às duas facções políticas locais. A paz durou pouco, até mais ou menos o ano de 1949, pois os resquícios das divergências políticas anteriores não tinham sido apagados e o confronto foi trazido para dentro da corporação, quebrando-se a harmonia que aparentemente existia. O maestro Toninho Cristovão já tinha se desligado, definitivamente, em 1948 e, depois, os outros músicos a ele ligados, grupo que viria a fazer parte de outra banda em formação.



Luiz Manoel Domingues

Em 1950, o cenário político local tinha sido alterado e os chefes políticos da situação já eram outros. Decidiram fundar a Corporação Musical Santa Cecília. Então, passamos a ter duas bandas, mantidas pelos dois grupos políticos locais, que conviveram por bastante tempo; a **Santo Antônio** comandada pelo maestro Cezarino Antunes Correa, e a **Santa Cecília** pelo maestro Toninho Cristovão. A Banda Santo Antônio ao cessar as suas atividades em 1963, mesmo temporariamente, era comandada pelo maestro **André de Almeida Machado**.

Daí em diante, começa a fase extraordinária da Banda Santa Cecília, sob a regência do maestro **Lázaro Nogueira da Silva - (Pingo)**, que, habilmente, conseguiu atrair alguns músicos da Banda Santo Antônio, inclusive os líderes, instrumentistas de primeira linha. O sucesso foi retumbante, pois participou de três concursos estaduais de bandas, nos anos de 1964/1965 e 1966 e os ganhou consecutivamente. Tornou-se tri-campeã estadual, um feito extraordinário que honra todos os músicos porangabenses. No ano de 1966, a qualidade musical era tão elevada que, no grupo de músicos, contavam-se três renomados maestros, além do regente. Com os entendimentos iniciados em 1975 e consolidados no ano

seguinte, as duas bandas foram reunidas numa só, na **Corporação Musical Porangabense**, com destaque especial para o trabalho desenvolvido pelo maestro Pingo e sua bandinha, que foi aqui, inegavelmente, o maior acontecimento musical em todos os tempos.

**HOJE, INFELIZMENTE, NÃO TEMOS MAIS A
BANDA DE MÚSICA; TUDO ACABOU,
EMUDECEU A “CIDADE SINFONIA”...**

1. Primeiros Músicos

Os primeiros músicos e maestros que vieram para a “Bella Vista”, além dos italianos, provinham de cidades vizinhas, principalmente Tatuí, Pereiras e Guareí. Errantes, não permaneceram por muito tempo, mas influíram decisivamente na formação musical da primeira geração de músicos, já iniciados na arte musical pela escola italiana de João Gorga. A semente germinou e, anos depois, Porangaba tornou-se berço de grandes músicos, exímios instrumentistas, que se destacaram a nível nacional e até no exterior. O título de “*Cidade Sinfonia*” muito nos honra e envaidece, pois os porangabenses são privilegiados à música

1.1 Contemporâneos de João Gorga

Alguns nomes: Francisco Aires de Oliveira (Mestre Chico), requinta e bombardino; Agenor Ribeiro, pistão; Domingos Camerlingo, requinta e bombardino; Durvalino Teles, baixo; Horácio Camerlingo, rufo; João Manoel Rodrigues (João Lemes), harmonia; João Ribeiro (Ribeirinho), prato e bumbo; José Antunes Correa, harmonia; José Camerlingo, requinta e clarineta (foi depois maestro da Banda de Ipaussu); professor Francisco Carlos Machado, clarinete; Joaquim Batista, harmonia; Bino Mariano, bumbo; Roque Machado, baixo; Santino Biagioni, clarinete e requinta; Pedro Caldeira, bombardino; Carmo Alpaio, baixo; José Leme (harmonia)

1.2 Músicos que tocaram com Mestre Chico e João Tonhã:

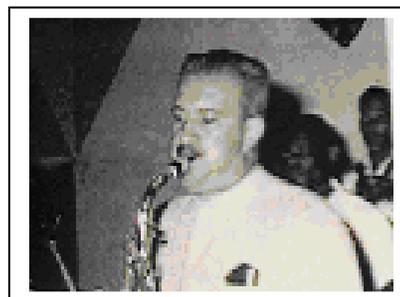
Alguns nomes: João Matheus (manco), harmonia; Alfredo (negro) trombone de canto; Durvalino Teles, baixo; Estevão Antônio de Medeiros (Estevão Colaço), trombone de canto; Francisco Bueno de Miranda, clarinete; João Manoel Rodrigues (João Lemes), harmonia; José Manoel Florêncio, bumbo; Salvador Bento, bombardino; Salvador Correa Sobrinho, bombardino; Sebastião, sax de harmonia; Valdomiro Paulino da Silva, pistão e rufo; Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristovão), pistão; João Paulino da Silva (Janguinho), bombardino; Nicanor Fonseca, baixo;

Santino Biagioni, clarinete; Ângelo Biagioni, harmonia; Paulino José da Rosa (Paulo Teles), sax de harmonia; Antônio Rosa (trombone de canto); Amadeo Cassetari, bumbo, prato; Agostinho Cassetari, bombardino; Pedro Tonhã, trombone; Filogone Tonhã, requinta, clarinete; Manoel Emílio São Pedro (Nelo), clarinete; Domingos Ignácio São Pedro, bumbo; Ângelo Bechelli, baixo; Rodolfo Palmeira, clarinete; Vilarino de Souza (Larico), bumbo; Domingos Nunes da Silva, bombardino; Dionísio José da Rosa (Nenê Teles), baixo; Aparício de Oliveira Pinto, rufo; Paulino de Oliveira Pinto, baixo; Martinho Olímpio da Silva, baixo e harmonia. Antônio Nunes Diniz (Totó Ozório), harmonia; Eugênio Manoel de Proença, clarinete.

1.3 Músicos de destaque.

Discípulos de Toninho Cristovão:

Roque Soares de Almeida, maestro, tocava clarinete; dirigiu as bandas: Santa Cecília (Porangaba), Nossa Senhora da Piedade (Bofete) e “Roque Soares de Almeida” (Paraguaçu Paulista); **Cezarino Antunes Correa**, maestro, tocava requinta e comandou a banda Santo Antônio; **André de Almeida Machado**, maestro, clarinetista, dirigiu as bandas: Santo Antônio e a Corporação Musical “Dr. Damião Pinheiro Machado” de Botucatu; foi músico da banda de Alumínio; **Pedro Nogueira Filho**, músico de renome, saxofonista, clarinetista e pianista; atuou mais no Rio de Janeiro, onde tocou em diversas orquestras e rádios; fez excursões ao exterior; **Lázaro Nogueira da Silva (Pingo)**, saxofonista e clarinetista, tido como o músico excepcional, tanto para banda como orquestra. Fez parte da tradicional Orquestra Continental de Jaú, da Sambrasil de Salto de Itu, dentre outras. Regeu a Corporação Musical Santa Cecília e a Corporação Musical Porangabense. Atualmente, é professor no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí.



Roque Soares de Almeida

2. Associação Cultural Santo Antônio

A Banda Santo Antônio foi pioneira, a mais tradicional e, embora tivesse regularizada a situação jurídica somente em 1946, antes, sempre teve diretoria, regulamentos, código disciplinar, etc. Foi a mais querida, sem alcançar o destaque e o sucesso da Corporação Musical Santa Cecília, a tri-campeã. Mas é justo registrar que os músicos campeões, na sua maioria, iniciaram o seu aprendizado na primeira banda. Ao tentar recompor a história da nossa mais antiga corporação, localizamos somente os livros de atas correspondentes aos períodos de 15/04/1937 a 08/03/1946; 27/03/1946 a 11/01/1959; e 1959 a 1975. Nada conseguimos com relação às datas anteriores, a não ser notícias colhidas em jornais de Tatuí e nos comentários dos músicos mais idosos. O esforço se baseou, também, em fotografias antigas e alguns depoimentos gravados.

No início, o grande incentivador e diretor, quase com certeza um dos fundadores, foi o padre José Gorga, com o apoio do irmão João, ambos italianos. Em seguida, foi fundamental o trabalho de Pedro Domingues Nogueira, tido como o mais importante diretor da banda, o responsável pela vida da corporação, incentivador e mantenedor, após a saída da Família Gorga e de outros italianos. Foi buscar os maestros para a formação de novos músicos. Domingos Manoel de Miranda foi também importante diretor, batalhador, como continuador da banda. Outros nomes merecem citação: João Miranda, João Teles, Higino Nordi, José Antônio São Pedro, Luiz Carlos Vieira, Joaquim da Costa Machado, Afonso Avallone Júnior, José Martins, Adolfo Rosa, Isaias Amaral, Luiz Angelini, Giocondo Rossi, Francisco Patrocínio São Pedro, Aldo Angelini, Agostinho Angelini, João Rosa de Oliveira, João Pedroso de Oliveira, Benedito de Oliveira Vaz, Luiz Manoel Domingues, Horácio Manoel Domingues, Acácio Domingues, José Santos de Campos, Amândio Fernandes, Francisco de Oliveira Pinto, Erasmo Pedroso de Oliveira, João Batista Mendes, Eurico Fogaça, Dassás Vieira de Camargo, Francisco Pássaro, dr. Aniz Boneder, dr. Anélio Bassoi, Carlos de Almeida Machado, Luiz Sola Ares, Hermenegildo Soares Ramos, João Batista Colombara, Mário Mendes, Ataliba da Costa Ávila, Guilherme Wagner, José Maier, Nestor de Almeida Machado, Domingos Antônio Machado, Francisco Alves dos Reis, Horácio Francisco da Silva e Sérgio Rossi (o último presidente).

Relação parcial dos músicos que participaram da corporação após a saída do Maestro João Tonhã.

Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristovão), pistão; Paulino de Oliveira Pinto, harmonia e baixo; Aparício de

Oliveira Pinto, prato e rufo; João Paulino da Silva (Janguinho), bombardino; Valdomiro Paulino da Silva, pistão e rufo; Martinho Olímpio da Silva, baixo e harmonia; Antônio Rosa, trombone de canto; Nicanor Fonseca, baixo; Vilarino de Souza (Larico), bumbo; Luiz Manoel Domingues, trombone; Aldo Angelini, harmonia; Francisco Pássaro, clarinete; Alcebiades Luiz Machado (Bide), clarinete e trombone; Manoel Emílio São Pedro (Nelo), clarinete; Antônio Nunes Diniz (Totó), harmonia; Antônio Alves Antunes (Antônio Português), clarinete; Martinho Pires, clarinete; Cezarino Antunes Correa, clarinete e requinta; Ítalo Ado Biagioni, harmonia; André de Almeida Machado, clarinete; Pedro (Pereiras), bombardino; Roque Soares de Almeida, clarinete; Horácio Soares de Almeida Primo, baixo e trombone de canto; Alípio de Oliveira Pinto, baixo; João Machado, rufo; Oracy Machado, rufo; Horácio Manoel de Proença, pistão; Camargo Soares de Almeida, bumbo; Jarbas Nogueira, trombone de canto; Olívio Juliani, harmonia; Onozor Pinto da Silva, clarinete, Antônio de Paula Leite Sobrinho, clarinete; Paulino José da Rosa (Paulo Teles), trombone de canto; Dionísio José da Rosa (Nenê Teles), baixo; Deoclécio José da Fonseca, pistão; Antônio Virgílio Lemes, harmonia; Juvenal Nunes de Oliveira (Juvenal Fidelis), clarinete; João Saulo dos Reis, bumbo e rufo; Juvenal da Luz Cardoso, harmonia, Ezequiel Crispim Rodrigues, harmonia; Pedro Nogueira Filho, saxofone, clarinete e requinta; Carmo Brasile, harmonia; Braz Vieira de Barros, bumbo; Joaquim Miranda da Silva, trombone; Lourenço Ribeiro Bueno, harmonia; Eugênio Soares de Almeida, rufo; João Soares de Almeida, rufo e surdo; Lázaro Nogueira da Silva (Pingo), saxofone e clarinete; João Vaz da Fonseca, bumbo; Olívio de Oliveira Pinto, trombone de canto; Irineu de Oliveira Pinto, pistão; José Carlos Rosa, clarinete; João Carlos Rosa (Janjão), trombone de canto; Ataíde dos Reis, bumbo; Carlos de Almeida Machado (Carlino), clarinete; Henrique Pinto da Silva, bumbo; Anthenógenes Proença, prato e bumbo; Durvalino Cardoso, prato e bumbo; Vitorino Rosa de Arruda, pistão; Simão Nunes Diniz, harmonia; Donato Antonelli, trombone/harmonia; Nestor de Almeida Machado, harmonia; Deraldo Carlos Vieira, baixo; Roque de Oliveira (harmonia); Mauro Bianchini de Camargo, trombone de canto; Ivo Mendes, pistão; Martinho Batista de Oliveira, trombone de canto; Abimael da Luz Cardoso, baixo; Jurandil David Rodrigues (Dir), harmonia e baixo; Benedito Manoel de Proença, trombone de canto; Roque Correa da Rosa, harmonia; Antônio de Oliveira, (Santa Casa), baixo; José Antônio Martins (Zé Praxedes), clarinete e requinta; Alípio de Paula, rufo; Francisco Alves dos Reis, trombone e bombardino; Júlio do Amaral Paes, clarinete; Olímpio Crispim Rodrigues (Ique), prato e rufo; Adelino Tomé, pistão; Antônio de Oliveira Pinto Sobrinho, rufo; Benedito Leite Cassimiro (Dito Dinarte), trombone; Rubens Vaz da Fonseca, bumbo; Osvaldo da Costa Ávila,

rufu; João Rosa de Arruda (João Bola), trombone; Antônio Celestino de Arruda, clarinete; Leopoldo Guido Bechelli, pistão; Rubens Hermógenes de Camargo (Rubinho Batateiro), harmonia; José de Camargo (José Batateiro), pistão. José Antônio de Oliveira, trombone; Hugo Biagioni, trombone; João Albuquerque de Arruda (João do Trombone), trombone, José Antônio Machado (Barrigudinho)..

Ata da Assembléia Geral da Fundação, Eleição da Diretoria e Conselho, e Aprovação dos Estatutos da “Associação Cultural Santo Antônio” de Porangaba

Aos vinte e sete dias de março do ano corrente de mil novecentos e quarenta e seis, nesta cidade de Porangaba, reuniram-se em assembléia geral os snrs. Cezarino Antunes Correa, João Paulino da Silva, Roque Soares de Almeida, Horácio Soares de Almeida Primo, André de Almeida Machado, Antônio de Paula Leite Sobrinho, Alípio de Oliveira Pinto, Paulino José da Rosa, Dionísio José da Rosa, Deoclésio José da Fonseca, Antônio Virgílio, Juvenal da Luz Cardoso, José de Oliveira Rodrigues, Ezequiel Crispim Rodrigues, Carmo Brasile, Braz de Barros, Eugênio Soares de Almeida, João Soares de Almeida, dr. Anélio Bassoi, Horácio Manoel Domingues, Acácio Domingues, Luciano Felício Biondo, Francisco Patrocínio São Pedro, Pedro Dias de Camargo, João Pedroso de Oliveira, Horaci Bassoi, Domingos Simão, Antônio de Paula Leite, Ítalo Ado Biagioni, Sérgio Rossi, João Palmeira, João Bassoi, Wilson Falkenback, Simão Diniz, Rivadávia Spínola, Benedito Leite Cassimiro, Manoel Gabriel Silva, Jaurez Soares Ramos, João Nuchera, Henrique Pedro Rossi, dr. Renato de Carvalho Ribeiro, Ozório Tavares Paes, Lúcio Amaral Paes, Mário Mendes, Agostinho Cassetari e Benedito de Oliveira Vaz, com a resolução de fundarem uma associação de cultura, ficando determinado, pela mesma assembléia, a denominação de **Associação de Cultura Santo Antônio**, entidade essa que congregaria os elementos capazes para o desenvolvimento da música nesta localidade, ficando também resolvido, pelos presentes, como pioneiros da corporação musical Santo Antônio, ainda em formação e sem os requisitos de registros que a mesma desapareceria, para que seus adeptos, inclusive elementos da banda de música respectiva, ficassem fazendo parte da associação ora em fundação. Os presentes, que já haviam aclamado o presidente, o snr. Luiz Manoel Domingues, que convidou para secretariar a sessão o snr. José Santos de Campos, aplaudiram o início dos trabalhos. Em seguida, o snr. presidente pôs em discussão o projeto de estatutos que, lido e discutido em todos os seus artigos e parágrafos, foi unanimemente aprovado, estatutos que, datilografados e visados pelo snr. presidente ficam fazendo parte integrante desta ata. Após, o snr. presidente propôs que se elegeisse ou aclamasse a primeira diretoria, bem assim como o conselho da novel associação, sendo a proposta aprovada e aclamada, nome por nome, os seguintes membros: Presidente: Luiz Manoel Domingues; Vice-Presidente: Francisco de Oliveira Pinto; 1º. Secretário: José Santos de Campos; 2º. Secretário: Erasmo Pedroso de Oliveira; Tesoureiro: Hermenegildo Soares Ramos; Diretor Social: Giocondo Rossi; Conselheiros: Luiz Sola Ares, Amândio Fernandes, Carlos de Almeida Machado; que, designados, foram imediatamente empossados em seus respectivos cargos, sob salva de palmas do

presentes. O snr. presidente declarou, então, fundada a “**Associação Cultural Santo Antônio**”, aprovados os estatutos respectivos e aclamada a diretoria e o conselho já relacionado nesta ata e desejou em palavras incisivas e de estímulo e engrandecimento da associação, entregue a sua presidência pela bondade dos sócios presentes. Com a palavra, o snr. dr. Anélio Bassoi, congratulou-se este com a feliz iniciativa que iria dotar a cidade de um centro cultural e de recreação tão necessário à coletividade de Porangaba, e, ao mesmo tempo, se congratulava também com a eleição do presidente e demais membros da administração. Nada mais havendo a tratar, deu o snr. presidente por encerrados os trabalhos, determinando ao secretário que esta fez e assinou que providenciasse a regularização dos papéis necessários à vida legal da associação. Nada mais se continha em dita ata, que se acha lavrada à folha nº 1, do livro nº 1. Porangaba, 5 de abril de 1946. Eu, José Santos de Campos, secretário que escrevi. Assinaturas: Presidente: Luiz Manoel Domingues, Francisco de Oliveira Pinto, José Santos de Campos, Erasmo Pedroso de Oliveira, Hermenegildo Soares Ramos, Giocondo Rossi, Carlos de Almeida Machado, Amândio Fernandes, Mário Mendes.

2.1 João Gorga

Foi o primeiro maestro da banda de Porangaba e deve ter chegado em 1898, logo depois de seu irmão, o padre Gorga. Veio da Itália, de Roccadaspide, Província de Salerno, onde nasceu em 20/10/1874. Tocava requinta. Dirigiu a primeira banda, cujos músicos eram, na maioria, italianos. Viveu em Bela Vista até, mais ou menos, 1911/12, mudando-se depois para Conchas onde faleceu em 06/11/1930, com 56 anos de idade e está sepultado no cemitério local. Marcou seu nome na comunidade como pessoa benevolente, bastante atuante na parte assistencial à população carente. Além de músico, exerceu cargos importantes: sacristão, comerciante, agente do correio, representante do juiz eleitoral, delegado de polícia, juiz de paz, etc. Foi casado com d. Maria Ricco.

O conflito religioso de 1899, conhecido como Processo dos 37 Católicos, envolvendo católicos e protestantes, viria repercutir, mais tarde na vida particular do músico João Gorga. Estando noivo de uma jovem, cujos pais se converteram à religião luterana, mesmo com a publicação dos proclamas, o casamento não se realizou pelo fato de ser irmão do padre.. Foi uma grande decepção para o maestro.

2.2 Pedro Maciel de Almeida Caldeira

Natural de Tietê, veio de Pereiras e viveu em Porangaba já no final do século 19. Além de músico, foi empregado público, escrivão do cartório de registro civil e participou da banda sob a regência de João Gorga, onde tocou bombardino. Casou-se com portuguesa Margarida da Silva Cardoso, em Porangaba, no dia 29/08/1900. Filho

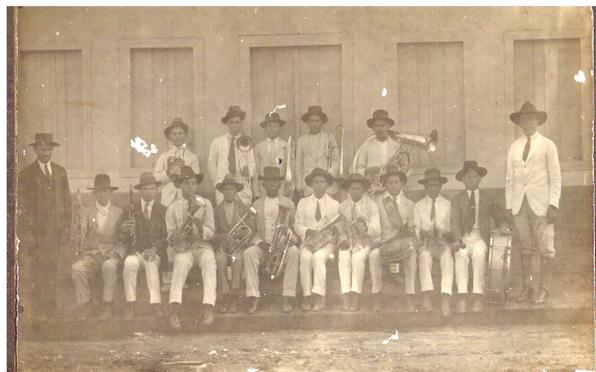
de José Maciel Vaz de Almeida (Mestre José) e Alexandrina Teixeira da Silva. Seu pai foi contramestre da banda de Pereiras. Seus irmãos também foram músicos: João Vaz, maestro da Banda Santa Cruz de Cesário Lange, Amantino Dias de Toledo, maestro da Banda São Vicente de Tatuí. Mudou-se para Pereiras e, depois, viveu ainda em Anhembí e Pirambóia, onde formou bandas musicais e teve escola de alfabetização, pois era professor leigo das primeiras letras. Para reorganizar a banda, voltou a Porangaba no período de 1916/17, permanecendo por pouco tempo. Retornou para Pirambóia e, depois, viveu ainda no bairro dos Laras (Capela de São Sebastião) e Pereiras, onde faleceu a 05/03/1932, com 65 anos de idade. Consta que tocou, também, nas bandas de Bofete e Conchas. Músico destacado, enérgico, deixou inúmeras composições.

2.3 Francisco Aires de Oliveira (Mestre Chico)

Natural de Pereiras, tratava-se de pessoa simples e muito educada, segundo os seus discípulos. Diziam, também, que estudara em colégio de padres. Músico excepcional, tocava requinta e órgão. Esteve trabalhando, mais de uma vez, em Porangaba; a primeira, trazido pelo padre Gorga, veio de Tatuí onde participou da Banda Santa Cruz. Tocou, então, com o maestro João Gorga e, ainda, foi cantor e organista da Igreja Católica. Na segunda vez, retornou após a saída do maestro João Gorga, convidado por Pedro Nogueira, tendo passado por Laranjal Paulista, e assumiu a regência da corporação musical. Desenvolveu um trabalho promissor na formação de novos músicos e na manutenção da banda, numa fase brilhante, *nascendo, então, a primeira grande geração de músicos porangabenses*. Dedicado, era comum vê-lo com os aprendizes, em recinto aberto, na praça, nos solfejos, a tirar as primeiras notas musicais.

-
- *Errante, mudou-se diversas vezes, mas a sua saída definitiva parece que foi motivada por um “problema passional”. Existem depoimentos falados, gravados, feitos pelo Janguinho e Toninho Cristovão, seus discípulos, comentando o fato. Sendo negro, extremamente sensível, um romântico, apaixonou-se por uma moça branca, filha de italianos, um “amor impossível para os padrões familiares da época” e, então, perdemos o Mestre Chico...*
-

Retornou para sua terra natal, mudando-se, ainda, para Conchas, Bofete e Pardiniho, onde regeu as bandas locais. Faleceu em Pardiniho. Existem comentários que foi, além de músico, professor leigo de primeiras letras e que lecionou na vila de Torre de Pedra. Morreu solteiro e deixou algumas composições.



Banda Santo Antônio - 1920

2.4 João Serafim de Abreu (João Tonhã)

Músico extraordinário, veio de Guaref e sua passagem por Porangaba jamais foi esquecida. Um verdadeiro ídolo, sempre lembrado carinhosamente pelos músicos mais antigos. Eclético, conhecedor de teoria musical, tocava mais de um instrumento de sopro, mas era mesmo conhecido como trombonista fora de série. Exigente, ajudou no aprimoramento musical da primeira geração de músicos porangabenses. Sob sua batuta a Banda Santo Antônio teve uma de suas melhores fases, com apresentações memoráveis aqui e nas cidades vizinhas. Mudou-se, depois, para Bofete. Além de músico, foi lavrador e açougueiro.

-
- *“Sua maior atenção era a que devotava às crianças. Procurava por todos os meios criar uma motivação para estar sempre rodeado de “molecada”. Nas noites de verão, sua residência permanecia repleta de crianças como se fosse um clube infantil”. (⁵) Bancava o joguinho de “pião” e as apostas eram feitas com palitos de fósforo. Apreciava futebol, briga de galos, e tinha fascínio pelas corridas de cavalos em raia plana, o que lhe custou muitas desavenças. Galanteador, era conhecido como homem valente, o que lhe custou a vida.*
-

Em Bofete, depois de diversos incidentes, inclusive com desentendimentos com o próprio irmão e, principalmente, revoltado pelo assassinato do amigo porangabense Paulo Nogueira, enfrentou a polícia e foi morto com vários tiros. Perda lamentável para a arte musical. Casado, deixou filhos.

⁵ Alcebiades de Camargo (Bizo), na obra “Bofete”, pág. 118

2.5 Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristovão)

Foi o primeiro mestre de banda porangabense; nasceu em 09/12/1900, filho de Manoel de Oliveira Pinto e Claudina Maria da Conceição. Pessoa modesta, após completar o primário, logo começou a trabalhar, todavia encontrava sempre tempo para aprender música com Mestre Chico. Tinha, então, 15 anos de idade. Autodidata, pela falta de mestres musicais e, como a banda foi desativada inúmeras vezes, continuou a estudar sozinho. Sua evolução foi surpreendente quando se tornou discípulo de João Tonhã. Com a saída do maestro, assumiu definitivamente a regência da banda, onde se destacou como mestre e músico por mais de trinta anos. Formou mais de uma centena de músicos, participou de conjuntos musicais, de orquestras de baile, do coral da Igreja Católica local como cantor e organista e, ainda, do grupo teatral da cidade. Foi o primeiro maestro da Corporação Musical Santa Cecília.

“Predestinado, dotado da exclusiva aptidão dos gênios musicais - o “ouvido absoluto”, que o diferenciou de todos os demais músicos porangabenses em todos os tempos”.

Maestro Pingo

Líder natural, discreto, corretíssimo, respeitado e estimado por todos. Convidado para tocar em outras bandas, noutras cidades, deixou Porangaba uma única vez, mesmo assim por pouco tempo, precisamente no ano de 1924, quando se transferiu para Tatuí e levou consigo o companheiro Janguinho. Retornaram um ano depois. Paralelamente, com a atividade de músico, trabalhou na lavoura, no comércio e no serviço público até sua aposentadoria. Foram seus alunos os maiores nomes da música porangabense, como os maestros e compositores: Cezarino Antunes Correa, Roque Soares de Almeida, André de Almeida Machado, José Carlos Rosa, Lázaro Nogueira da Silva (Pingo), e o instrumentista Pedro Nogueira Filho. Tocava os mais diversos instrumentos de sopro, além de piano e órgão. Deixou poucas composições, pois preferia o ensino musical. Foi casado com Malvina Proença. Faleceu em São Paulo em 16/10/1987. Deixou filhos.

-
- *Sua paixão pelo futebol o transformava, durante os jogos do time local, num torcedor voluntarioso, com tiradas hilariantes que passaram para a história do folclore esportivo local. Ao criticar o árbitro, dentre outras expressões de protesto, bradava “juiz rafino”, tão comum na época, para chamá-lo de faccioso e imparcial. (Existia um morador do bairro das Partes que atuava como juiz de futebol; era conhecido por Rafino, bastante folclórico e que sempre ajudava o time da casa, daí a expressão!).*
-

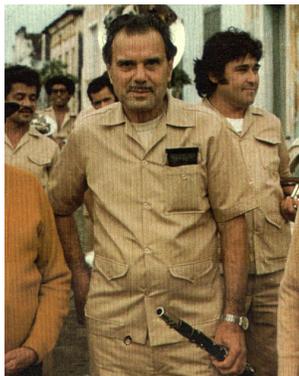
2.6 Roque Soares de Almeida

Nasceu em Porangaba em 16/08/1917, filho de Agostinho Fogaça de Almeida e Leopoldina Soares de Almeida. Discípulo de Toninho Cristovão, tocava clarinete, sendo respeitável arranjador e compositor. Começou na Banda Santo Antônio e depois passou à Santa Cecília, onde chegou à regência. Transferiu-se para a cidade de Bofete para reger a banda local e, depois, para Paraguaçu Paulista, com a mesma finalidade. Professor de música, tocava com requinte. Autodidata, dedicou-se também à leitura e era bastante politizado. Ainda em vida, em 1984, pelo trabalho desenvolvido em Paraguaçu Paulista, a banda musical passou a se chamar *Lyra Maestro Roque Soares de Almeida*, através de decreto municipal. Sua composição, o dobrado “Pracinha de Bofete”, para homenagear o pracinha Benedito Araújo, alcançou grande repercussão; obteve o primeiro lugar no concurso musical promovido pela Rádio Bandeirantes (São Paulo), sendo elogiado pelos críticos. Posteriormente, segundo Alcebiades de Camargo no livro “Bofete”, pág. 91, o dobrado tornou-se prefixo musical de destacado programa jornalístico da Rádio Eldorado, uma das principais emissoras da Capital. Outra obra, a polca “Viva o Comendador Biguá” foi gravada pela Bandinha de Altamiro Carrilho, do Rio de Janeiro. Deixou centenas de composições. Além de músico, foi padeiro. Destacou-se ainda como jogador de futebol. Faleceu no dia 03/06/1992, em Paraguaçu Paulista, onde está sepultado. Casado com Eunice de Campos Almeida; deixou filhos.

2.7 Cezarino Antunes Correa

Filho de José Antunes Correa e Maria das Dores Moreira, nasceu no dia 01/01/1914 em Porangaba. Foi um músico admirável, extraordinário. Aluno de Toninho Cristovão, tinha preferência pela requinta, “a tão temida clarineta em mi bemol”, introduzida pelos italianos e que poucos ousavam tocar. Líder, com espírito perfectivo, tocava, ainda, bandolim e cavaquinho com mestria. Foi destacada a sua atuação à frente da Banda Santo Antônio, onde formou um grande número de músicos. Tocou, também, na Banda Santa Cecília. Arranjador e compositor, seresteiro, participou de conjuntos musicais. Chegou a fundar um “jazz-band” independente, o famoso Conjunto “Galho Seco”, que abrilhantava os bailes do antigo Clube 7 de Setembro. Além de músico, foi sapateiro. Infelizmente, deixou de tocar muito cedo. Faleceu em Porangaba em 04/02/1982. Foi casado com Maria José de Campos Correa; deixou filhos.

2.8 André de Almeida Machado



Nasceu em Porangaba no dia 13/10/1918, filho de Benedito de Almeida Machado e Giúlia Antulini. Iniciou o aprendizado musical com Martinho Olímpio da Silva e, depois, com Toninho Cristovão, na Banda Santo Antônio. Excelente instrumentista, compositor, destacou-se no clarinete. Tocou, também, na Banda Santa Cecília. Em Botucatu dirigiu a Corporação Musical “Dr. Damião Pinheiro Machado”, no período de 1968/90. Teve dois irmãos músicos, o inesquecível Carlos de Almeida Machado (Carlino) e Nestor Machado. Além de músico, sempre se dedicou à lavoura. Foi o último maestro da Corporação Musical Santo Antônio. Casado com Leontina Martins Machado, faleceu em Botucatu no dia 31/01/2003. Deixou filhos.

<i>Horácio Manoel Domingues</i>	(01.01.1952);
<i>Erasm Pedroso de Oliveira</i>	(06.01.1953);
<i>Horácio Manoel Domingues</i>	(07.01.1954);
<i>João Batista Colombara</i>	(20.07.1955);
<i>Mário Mendes</i>	(13.01.1957);
<i>Cezarino Antunes Correa</i>	(13.01.1958);
<i>Ataliba da Costa Ávila</i>	(11.01.1959);
<i>Guilherme Wagner</i>	(08.01.1961);
<i>José Maier</i>	(07.01.1962);
<i>Nestor de Almeida Machado</i>	(06.01.1963);
<i>Domingos Antão Machado</i>	(30.01.1964);
<i>Ataliba da Costa Ávila</i>	(10.01.1965);
<i>José Maier</i>	(02.01.1966);
<i>Francisco Alves dos Reis</i>	(05.01.1967);
<i>Mário Mendes</i>	(28.01.1968);
<i>Horácio Francisco da Silva</i>	(09.02.1969);
<i>Francisco Alves dos Reis</i>	(04.01.1970);
<i>Guilherme Wagner</i>	(17.01.1971);
<i>José Maier</i>	(16.01.1972);
<i>Francisco Alves dos Reis</i>	(21.01.1973);
<i>José Maier</i>	(20.01.1974);
<i>Sérgio Rossi - (o último)</i>	(12.01.1975).

2.9 Presidentes da Corporação Musical Santo Antônio

Segunda Fase - 1946/1975



Horácio M. Domingues

<u>Nomes:</u>	<u>Início da gestão:</u>
<i>Luiz Manoel Domingues</i>	(27.03.1946);
<i>Carlos de Almeida Machado</i>	(30.04.1948);
<i>Luiz Manoel Domingues</i>	(01.01.1950);

2.10 Diretores e Sócios da Corporação Musical Santo Antônio - Relação Parcial - Período de 1946/1975.

Luiz Manoel Domingues, João Paulino da Silva, Francisco de Oliveira Pinto, José Santos de Campos, Erasm Pedroso de Oliveira, Hermenegildo Soares Ramos, Giocondo Rossi, Luiz Sola Ares, Carlos de Almeida Machado, Amândio Fernandes, Lúcio do Amaral Paes, Wilson Falkenback, Lauro Prestes de Camargo, Henrique Pedro Rossi, Serafim Correa Alvarenga, Otoniel Rodrigues dos Reis, Dionísio Colombara, Alípio de Oliveira Pinto, Roque Soares de Almeida, Ezequiel Crispim Rodrigues, Paulino José da Rosa, André de Almeida Machado, Dionísio José da Rosa, Horácio Manoel de Proença, Horácio Soares de Almeida Primo, Anthenógenes de Proença, Antônio de Paula Leite Sobrinho, Estevão Maier, Francisco Pássaro, Francisco Patrocínio São Pedro, Simão Nunes Diniz, José Thomé Júnior, Mário Acyilino Correa, Horácio Manoel Domingues, Ângelo Bechelli, Abílio São Pedro, Pedro Bernardino da Silva, Domingos Antão Machado, Mário Mendes, Ledo Antônio Rossi, João Batista Colombara, Armando Thomaz, Simão Alves de Camargo, João Marinoni Machado, Sérgio Rossi, Benedito Custódio Barreto, Luiz Gonzaga Gonçalves, Guilherme Wagner, Hermelindo Martins, João Nuchera, João Pedroso de Oliveira, João Batista Mendes, José Carlos Rosa, Elias Nunes da Silva, Ataliba da Costa Ávila, Alberto Antunes Alegre, Cirilo Marcelino Leite, Cezarino

Antunes Correa, Anélio Bassoi, Acácio Domingues, Anibal da Silveira Pedroso, Antônio de Paula Leite, Deraldo Carlos Vieira, Lourenço Antônio de Oliveira, Nestor de Almeida Machado, Ataíde dos Reis, Carlino de Campos Mello, Crispim David Rodrigues, Benedito Leite Cassimiro, Juvenal da Luz Cardoso, Domingos Diniz Vaz, Veríssimo da Costa Machado, Silvério Nunes da Silva Primo, Lázaro Carlos Vieira, Leandro Custódio de Arruda, João Batista Martins (Ludovico), Vitorino Rosa de Arruda, Luciano Felício Biondo, Manoel Alves Antunes, Manoel Alves de Camargo, Manoel Teotônio de Lima, Juvenal Nunes de Oliveira; Benedito Telles de Siqueira; Martinho Batista de Oliveira, Onozor Pinto da Silva, Pedro Dias de Camargo, Rivadávia Spinola, José Manoel Nogueira, Jaures Soares Ramos, Júlio Manoel Domingues, José Maier, Francisco Alves dos Reis, Horácio Francisco da Silva, Luiz Gonzaga Gonçalves, José Maria Machado, Octávio Rodrigues dos Reis, Antônio Carlos Machado, João de Oliveira Vaz, Antônio Ribeiro Diniz, Dominésio Rosa de Oliveira, Joaquim Pires Lopes, Alípio de Oliveira, José Correia Filho, Sebastião Martins, Cirilo Marcelino Leite, Mário de Almeida Machado, Benedito José de Oliveira, Luiz Wagner, Deocacir Cláudio da Cruz, Leopoldo Guido Bechelli, Júlio do Amaral Paes, Carlos de Almeida Barros, João Sebastião Vieira, João Paulino Mendes, Ernani Guedes de Carvalho, Alcino Guedes de Carvalho, Adélio Antunes da Rosa, Paulo Moraes da Silva, Ildeu Olintho de Freitas, Jurandil David Rodrigues, José Adriano Mendes, Luiz Carmo Rodrigues, Vilarino de Souza, Antônio Vieira, Ozias Ribeiro Leite, João Bento de Oliveira, Laurindo Martins, João Carlos Vieira, João Vaz da Fonseca, Benedito Manoel de Proença, Pedro Domingues da Silva, Álvaro Rodrigues, Lindolpho Quintiliano, João Antônio Martins, João Cardoso, Luiz Carlos Correa, João Rosa de Arruda, Benedito Godinho de Albuquerque, Francisco Pinto da Silveira, Lázaro Antunes Correa, Benedito Martins da Fonseca, José Wagner, Abimael da Luz Cardoso, Domingos da Silva Nunes, Décio Silveira Campos, Salvador Correa Martins, Amauri dos Reis, Lourenço Diniz Vaz, Raul Manoel da Silva, José Florentino Leite, José Carmo Lobo, Noel de Campos Silva, Hermas Nogueira do Amaral, Luiz Júlio Custódio, Ignácio Nunes da Silva, Antônio Wagner, Antônio Fakri, João Albuquerque de Arruda, Alcino Crispim, Afonso Leite, Milton Teixeira, Arlindo Alves Antunes, Pedro Nunes da Silva, Ivo Mendes, Hélio Alves Vaz, Giocondo Rossi (Neto), Benedito Machado Neto, Lelis Pinto da Silva, Antônio Carlos Marcelino, José Benedito de Almeida, Ulisses da Silva Campos, Noel Nunes de Moraes, Enos Antunes do Amaral, José Maria Correa, Joaquim da Costa Machado Neto, José Francisco de Camargo, Jorge Alves de Camargo, José Antônio Cassimiro, Mauri Nunes de Moraes, Cristino Manoel de Miranda, João Batista de Barros, Antônio da Silva Pinto, José Maria Geraldini, Francisco Antônio da Mota, Joaquim Francisco Silveira Machado, Ezequias João de Ávila, José Clacir de Oliveira

2.11 Sede Social da Associação Cultural Santo Antônio

A sede da Banda Santo Antônio foi inaugurada no dia 26/05/1946. O prédio, com projeto do engenheiro dr. José Victor Vieira Pedroso, foi construído no terreno adquirido do comerciante Hermenegildo Soares Ramos e sua esposa

Leontina da Costa Machado Ramos, em 30 de janeiro de 1946, pelo valor de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros), conforme escritura de compra e venda lavrada no Cartório de Porangaba (livro 55, págs. 152/154). Localiza-se na atual rua Brás Gica da Paz, nº 37, Centro, e foi construído com recursos próprios, obtidos junto aos diretores, associados e a população porangabense.

2.12 Primeira Subvenção

A primeira subvenção recebida pela banda, nesta segunda fase, foi de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), em 01/12/1948, através da Lei Estadual nº 200/48, da cota distribuída pelo deputado estadual Procópio Ribeiro dos Santos, que aqui havia recebido votação considerável.

2.13 Fardamento

Em 10/12/1952, a diretoria recebeu o tecido doado pelo deputado federal Mário Aprile, através do diretor Mário Mendes, para o novo fardamento que foi confeccionado pela Alfaiataria Gasparine de Botucatu e entregue em 20/01/1953.

2.14 Conjunto Musical

No ano de 1953, conjunto musical formado por músicos da banda Santo Antônio, sob o comando do maestro Cezarino Antunes Correa, fez grande sucesso na cidade de Tatuí, animando os bailes carnavalescos promovidos pelo Clube Recreativo XI de Agosto.

2.15 Destinação do prédio

A diretoria fez estipular em ata que o prédio-sede, no caso de dissolução da sociedade, deveria passar para a posse da Igreja Católica - Paróquia de Santo Antônio de Porangaba; a resolução aprovada consta da ata nº 2, lavrada no dia 26/05/1946.

2.16 Exclusão de músicos

No mês de dezembro do ano de 1950, por divergências ligadas à política local, alguns músicos que já tinham deixado a corporação e faziam parte da Banda Santa Cecília, foram, simplesmente, excluídos do quadro da Banda Santo Antônio. Eis os nomes: *João Paulino da Silva, Roque Soares de Almeida, Alípio de Oliveira Pinto, Deoclésio José da Fonseca, Carmo Brasile, Braz Vieira de Barros*. O antagonismo político mostrava, mais uma vez, as suas garras..., com medidas depreciativas e arrogantes, bem a gosto dos políticos locais.

2.17 Excursões

A Corporação Musical Santo Antônio fez inúmeras apresentações em cidades vizinhas e quatro excursões interestaduais, ao Estado do Paraná, abrilhantando festas religiosas nas cidades de Jundiá do Sul (1949/1951) e Monte Alegre (1953/1954), com muito sucesso.



Músicos da Banda Santo Antônio: Vitorino (à esquerda); Carlino (centro) e Lino Tomé (à direita), tocando em Torre de Pedra.

2.18 Títulos de Benemerência

Por decisão da diretoria, consta na ata nº. 53, de 02/01/1955, que receberam o título de *sócio benemerito* as seguintes pessoas: *Luciano Felício Biondo, Lúcio do Amaral Paes, Anibal da Silveira Pedroso, Antônio de Paula Leite, Ataliba da Costa Ávila, Carlino de Campos Mello, Francisco Pássaro, João Nuchera, José Santos de Campos, Lauro Prestes de Camargo, Luiz Manoel Domingues, Onozor Pinto da Silva, Pedro Dias de Camargo, Rivadávia Spínola e Hermenegildo Soares Ramos.*

2.19 Carta-renúncia e decisão nebulosa

Decisão curiosa, senão patética da diretoria no ano de 1955, mostra como a política interferia na banda e atingia os antigos diretores. Horácio Manoel Domingues (conhecido como Horácio Cândido), presidente da associação, por divergir politicamente de seus companheiros de diretoria, foi desautorizado pelos mesmos, que se reuniram separadamente e aprovaram uma série de medidas administrativas. Ciente do fato, encaminhou carta-renúncia em 02/07/1955, onde criticou a atitude dos companheiros e enfatizou que, sem a sua presença, as decisões eram nulas. Então, parte da diretoria resolveu expulsá-lo da associação, num ato estranho, sem notificação e direito de defesa. A expulsão somente foi registrada na ata nº 59, lavrada no dia 20/07/1955. Não constam as assinaturas (sic) dos diretores envolvidos e não houve a citação. À guisa de curiosidade é feito o registro.

2.20 João Paulino da Silva



Filho de Lourenço Paulino da Silva e Maria Cristina de Jesus, nasceu em Porangaba em 15/07/1897. Desde cedo mostrou vocação musical e foi aluno do Mestre Chico. Começou tocando trombone e, depois, passou para o bombardino, instrumento que o consagrou. Foi um dos mais importantes músicos porangabenses. Compositor, deixou poucas obras, já que preferia a execução. Companheiro inseparável de Toninho Cristovão, como o “contramestre nato”, no dizer do poeta Onozor Pinto da Silva. Foi o último dessa histórica geração de músicos e faleceu com quase 97 anos de idade, precisamente no dia 13/07/1994. Elemento pacificador, muito contribuiu para a união das bandas no ano de 1975. Trabalhou na lavoura e na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, como carcereiro. Patriarca de uma família de músicos, com especial destaque para o filho Lázaro Nogueira da Silva, o Maestro Pingo, e o neto Hudson Nogueira da Silva, instrumentista e arranjador, ambos professores do Conservatório Dramático e Musical “Carlos de Campos” de Tatuí. Foi casado com Bernadete Nogueira.

2.21 Pedro Nogueira Filho

Nasceu em Porangaba no dia 16/09/1924, filho de Pedro Domingues Nogueira e Maria José Miranda Nogueira. Cursou o primário na escola local e aprendeu música com Toninho Cristovão. Fez parte da Banda Santo Antônio. Mudou-se para Sorocaba, onde começou tocando em orquestra dançante. Daí, seguiu para São Paulo, onde continuou atuando em casas noturnas e se tornou conhecido no meio musical pelas excelentes qualidades de instrumentista. Fez parte do conjunto do maestro carioca Francisco Sérgio na excursão pela Europa e permaneceu na Itália por mais de um ano. Ao retornar,

fixou-se no Rio de Janeiro, onde estudou e trabalhou com os grandes músicos e maestros da época e atuou, também, nas principais orquestras cariocas. Procurou sua estabilidade profissional e ingressou na Rádio Mairinque Veiga, passando depois para a *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, então a mais importante emissora brasileira. Permaneceu alguns anos e, depois, transferiu-se para a Rádio Ministério da Educação, onde se aposentou. Continuou trabalhando e a sua última apresentação foi em 1992, em Barcelona, na Espanha, durante os Jogos Olímpicos. Amante de música clássica, tocava também piano, mas destacou-se no “sax-alto” e clarinete. Arranjador e compositor. Faleceu no dia 18/10/1994, na cidade do Rio de Janeiro, sendo sepultado em Porangaba. Foi casado com Marta dos Reis. Deixou filhos.

2.22 José Carlos Rosa

Nasceu em Porangaba no dia 05/11/1931, filho de Dionísio José da Rosa e Palmira Proença. Fez o curso primário no Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda” e, ainda menino começou a estudar música com Toninho Cristóvão. Depois, aprimorou-se com o maestro Cezarino Antunes Correa, preferindo o clarinete. Destacou-se mais como instrumentista. Pessoa polida, de fino trato, com sensibilidade incomparável à arte musical. Ingressou na Força Pública do Estado de São Paulo, onde pode desenvolver os seus conhecimentos e se aprimorou na regência musical. Recebeu diversas promoções na carreira, reformando-se no posto de 2º. Tenente P.M. Foi condecorado com a *Láurea do Mérito Pessoal* em 5º. Grau, constando, ainda, de seu prontuário 22 elogios individuais. Além de tocar na Corporação Musical Santo Antônio, foi maestro da Banda do 7º. Batalhão da Polícia Militar de Sorocaba. Faleceu no dia 02/07/1990, em Sorocaba. Foi casado com Maria Mercês Rosa; deixou filhos.

2.23 Rui Nunes Ribeiro

Porangabense, filho de Francisco Ribeiro e Raquel Miranda Ribeiro, nasceu em 01/08/1956. Aprendeu música com o maestro Pingo e começou a tocar clarinete na banda Santa Cecília. Fez parte, inicialmente, da Orquestra Sambrasil de Salto de Itu e depois estudou no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí, onde formou-se como clarinetista e em regência musical. Foi músico da Orquestra Sinfônica do Conservatório e da Banda Sinfônica de São Bernardo do Campo. Professor de música na Escola Municipal de Americana e instrumentista da Banda Municipal local. Como maestro dirigiu as bandas musicais das cidades de Holambra, Itatinga e Bofete. Atualmente tem a música

exclusivamente como lazer; é escrivão de polícia da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

2.24 Ivo Mendes

Filho de Mário Mendes e de Lina de Bonis Mendes, nasceu em Porangaba no dia 26/04/1937. Com vocação às artes, aprendeu música com o maestro Cezarino Antunes Correa e destacou-se, logo cedo, como trompetista. Fez parte da Banda Santo Antônio. Tocou também nas orquestras Tro-lo-ló de Tatuí, Carlos Eli da Capital, e na tradicional Continental de Jaú. Fez parte ainda dos conjuntos de Mário Edson e “Os Tatuís”. Infelizmente, deixou de tocar muito cedo. Hoje, reside em Tatuí, onde exerce a advocacia com destaque. Complementando seus dotes artísticos, é poeta e se dedica também à escultura, sendo seus trabalhos em argila de extraordinária beleza. Dedicou-se, ainda, a uma série de projetos sócio-culturais e de benemerência naquela cidade.

2.25 Locais de ensaio

Antes da construção da sede própria, na rua Braz Gica da Paz, a Banda Santo Antônio sempre ensaiou em lugares improvisados e adaptados:

- *primeiro, no início do século passado, na antiga rua do Comércio (atual 4 de Junho), na casa onde hoje se encontra a pensão do Domingos Antão Machado, portanto, na rua do meio;*
- *depois foi utilizado um cômodo de tábuas que existiu no local onde hoje está a residência do professor Elias Rihbane, na atual rua João Rosa de Oliveira;*
- *dali, o “ensaio” foi transferido para a “rua de cima”, atual rua professor Antônio Freire de Souza, numa casa recentemente demolida, cujo terreno fica ao lado da residência do sr. Acácio Domingues;*
- *posteriormente, mudou-se para outro imóvel, na mesma rua, onde hoje é a casa dos herdeiros de Luiz Miranda;*
- *depois, instalou-se novamente na rua 4 de Junho “ainda rua do Comércio”, no local onde antes funcionou o armazém do sr. Nelson de Arruda; ali permaneceu por muitos anos e teve, inclusive, como zeladora a sra. Isabel Maria da Conceição, viúva de Antônio Cardoso Machado; para efeito de localização, é a atual casa do João Rosa (barbeiro), ao lado do supermercado.*

A Banda Santa Cecília, no início, chegou também a fazer os ensaios em locais improvisados, inclusive na fazenda do sr. Osvaldo Fogaça Leite, no bairro dos Fogaça. Utilizou, depois, um cômodo adaptado no fundo do antigo prédio da Prefeitura Municipal. Curiosamente, como o

local estava próximo à sede da outra banda, era comum ouvir, quando ensaiavam à noite, no mesmo horário, a mistura dos sons das duas corporações que confundiam os ouvidos daqueles que ficavam entremeio. Tempo depois, passou a ensaiar numa das salas do fundo do Salão Paroquial, com entrada pela rua João Rosa de Oliveira.

-
- *“No silêncio do anoitecer, o bumbeiro sai para fora da sala de música e bate; ouve-se na pequena cidade e reúnem-se os músicos, à luz do querosene, do acetileno e, nestes últimos cinquenta anos, da eletricidade. A sala é simples e ressoa espantosamente como uma grande caixa. As estantes agrupam-se uma atrás da outra; em bandas menores são três ao longo das paredes, deixando apenas um lugar para os bancos compridos. O baixo fica na ponta e o mestre no meio, sempre em pé; cada músico marca o compasso com o pé”. (6)*
-

Descrição perfeita do ambiente alegre do “*ensaio*”, tão comum à nossa geração, que como “sapos” (assíduos ouvintes) chegávamos até a atrapalhar, pois nos postávamos irrequietos nas portas, nas janelas e nos próprios bancos, ao lado dos músicos, espiando emocionados as partituras sem saber ler as notas musicais. Quantas saudades !...

2.26 Roque Soares de Almeida - “o jogador de futebol”.

Além de músico, foi também jogador de futebol. Passou para a história do “soccer” local, ao marcar o nosso único gol no jogo disputado em Sorocaba, no final dos anos 30 do século passado, quando o Porangabense enfrentou o time do E. C. São Bento. O time daqui foi facilmente derrotado por 13 x 1; até aí, nada de extraordinário, considerando a diferença de forças e categoria, a inibição natural dos jovens porangabenses, porém o goleiro do time sorocabano era nada mais, nada menos, que *Oberdan Catani*, (é o que contam por aqui), que tornar-se-ia um dos maiores nomes do futebol brasileiro, com destaque internacional. Roque retornou como “o grande herói”, apesar da contagem...!

2.27 Roque Machado - músico

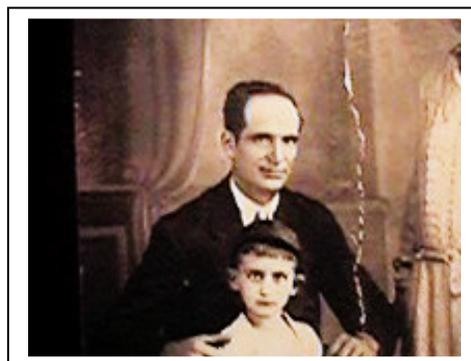
Veio de Pereiras, onde fez parte da banda local. Tocava baixo e foi comandado por João Gorga, no início do século passado. Participou também das bandas de Tatuí, Laranjal Paulista e Boituva. Consta que foi *escravo* ou

filho de escravos do coronel Manoel de Mello Machado, segundo o historiador Paulo Fraletti.

2.28 Giocondo Rossi

Natural da Toscana, região da Itália de grandes músicos e compositores, não fugindo das tradições artísticas de sua terra natal, conhecia e amava a arte musical. Foi um grande incentivador da banda Santo Antônio, tanto na ajuda pecuniária como na escolha do repertório. Participava na escolha das coleções musicais e chegou até a importar partituras de peças famosas, de compositores italianos, para enriquecer o repertório da banda, que, sem dúvida, era inigualável e requisitado por outras corporações da região.

A peça sinfônica “Cruz de Honra” era a sua predileta e tornou-se marca da banda Santo Antônio.



Giocondo Rossi com o filho Sérgio (que viria ser o último presidente da Banda Santo Antônio)

3. Corporação Musical Santa Cecília

A criação da segunda banda musical não deixou de ser um fato marcante à época, mas o nascimento surpreendente, rápido, coincidiu com a saída de um grupo de músicos da Banda Santo Antônio e pode ser analisado hoje sob os mais variados ângulos. Não aconteceu por acaso, somente pelo crescimento das “*vocações musicais dos privilegiados porangabenses ou excesso de dotes musicais*”, mas as causas são bem mais profundas. O desentendimento que grassou no meio dos músicos da primeira banda, em meados dos anos 40, acabou com o “espírito de corpo” e cresceu com o transcorrer do tempo, envolveu as lideranças, trouxe a tona as ambições pessoais e a busca de “status”, reivindicações financeiras, etc, pois a banda começou a receber as primeiras subvenções e nada mais justo que os maestros, pelo menos, fossem remunerados. O palco tornou-se pequeno

⁶ *Aluísio de Almeida em “Folclore da Banda de Música”, Revista do Arquivo Municipal – volume CLXXXVI - 1969*

para tantos “virtuosos”, além das *divergências políticas* - o ingrediente que faltava para solapar o bom relacionamento que existiu antes. Veio, então, o revanchismo e o desinteresse pela unidade da corporação. Tudo aconteceu, então, rapidamente, embora a semente da discórdia já tivesse sido plantada há muito tempo, tendo como pano de fundo uma espécie de inconsciente coletivo, que de acordo com as circunstâncias tanto poderia construir como destruir. Houve muita intransigência e, ainda hoje, alguns (pouquíssimos) participantes se mostram rancorosos ao comentar o ocorrido, após tantos anos, um fato lamentável, pois a cisão prejudicou muito mais a antiga corporação. Houve, claramente, no episódio, a interferência política; de um lado, a preocupação de “limpar” a Santo Antônio (eliminar os músicos ligados ao *dassasismo*) e, do outro, a possibilidade de ter a banda própria, pois já tinham o domínio político. Embora a Corporação Musical Santa Cecília tivesse um crescimento extraordinário, contando sempre com o apoio das autoridades locais, a Banda Santo Antônio somente cessou suas atividades por vontade própria da diretoria, um quarto de século depois.

3.1 Fundação

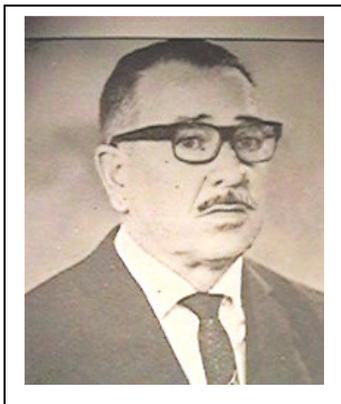
Sob a denominação de Corporação Musical Santa Cecília, foi fundada em 01/07/1950, na cidade de Porangaba. “onde terá sede e o foro jurídico na Comarca de Tatuí”, com a finalidade de cultivar a música e enaltecê-la sob todos os aspectos, quer gratuitamente, quer mediante contrato remunerado aprovado pelos seus dirigentes; a entidade terá tempo de duração indeterminado, número limitado de sócios, etc.; será representada por uma diretoria composta de presidente, vice-presidente, 1º. e 2º. secretários e um diretor de banda.

3.2 Ata de Fundação

Cópia autêntica da Ata de Fundação da Corporação Musical Santa Cecília da cidade de Porangaba, lavrada às fls. 01, do livro de atas nº 01

- “Ata de fundação de uma Corporação Musical. Aos primeiro de julho de mil novecentos e cinquenta, às vinte horas, na residência do sr. Mário Antônio Nogueira, nesta cidade de Porangaba, especialmente convocada, realizou-se uma reunião com o fim de fundar-se uma Corporação Musical. Por aclamação geral foi designado o sr. Mário Antônio Nogueira para Presidente da reunião, o qual escolheu a mim Aldo Angelini, para servir de secretário. Aberta a sessão, o sr. Presidente expôs a finalidade da mesma, que era a de fundar-se uma Corporação Musical nesta cidade, aproveitando para isso os diversos elementos

*existentes em nosso meio, bem como a compra de instrumental, uniformes e demais coisas necessárias não só para a banda de música, como para sua futura sede. A idéia foi desde logo aprovada e assim considerada fundada a Corporação, que passou a ser denominada Corporação Musical “Santa Cecília”. Em seguida organizou-se também por aclamação uma diretoria provisória que ficou assim constituída: **Presidente:** Mário Antônio Nogueira; **Vice-Presidente:** João Batista Mendes; **1º. Secretário:** Aldo Angelini; **2º. Secretário:** Benedito de Oliveira Vaz; **Tesoureiro:** Cesário Ribeiro Bueno. Ficou também deliberado que se fizesse uma cotização entre os presentes para constituir os primeiros fundos da sociedade, por meio de um “livro de ouro” e que todos quantos assinassem a presente ata, seriam considerados sócios fundadores. A assembléia deliberou ainda designar para breve uma nova assembléia a fim de serem discutidos os estatutos da sociedade, e eleição da diretoria definitiva. Dada a palavra a quem dela quisesse fazer uso, ninguém se manifestou a respeito. Todos os atos da presente reunião foram aprovados por unanimidade. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a presente reunião. Eu, Aldo Angelini, secretário da reunião que escrevi. (assinaturas) Mário Antônio Nogueira, João Batista Mendes, Aldo Angelini, Benedito de Oliveira Vaz, Cesário Ribeiro Bueno, Dassás Vieira de Camargo, Agostinho Angelini, Antônio de Oliveira Pinto, João Paulino da Silva, José Barbosa Carneiro, Euclides de Oliveira Pinto, Eduardo Correa da Silva, Renato Nogueira da Silva, Ítalo Ado Biagioni, Eugênio Grazioli, Francisco Rosa de Oliveira, Paulo Moraes da Silva, Paulo Adalberto Grazioli, Antônio Angelini, Dirceu Fogaça, Walter Barbosa, João Rosa, João Sebastião Vieira, Fernando Machado, Cesário Fogaça de Almeida, João Palmeira, Antônio Pinto da Silva, João da Silva Vieira, Ovídio Oscar de Miranda, Camargo Soares de Almeida, Alípio de Oliveira Pinto, Braz Domingues, Renato Angelini, Simão de Oliveira Vaz, Lázaro de Oliveira, Henrique Pinto da Silva, José Fogaça de Almeida, Oscar Ribeiro Bueno, Júlio de Oliveira Vaz, Elias Fadel Fadel, Luiz Cubas de Oliveira, Benedito Gianotti, Angelino Nunes da Silva, Oraci Diniz Vaz, Renato Nogueira, Alaor Fazzio, Oswaldo Fogaça Leite, Euclides de Oliveira Pinto. Nada mais se continha em dita ata, que foi bem e fielmente copiada da original, a qual me reporto e dou fé. Porangaba, 07 de abril de 1953. Eu, a) Aldo Angelini, 1º. secretário que a datilografei, subscrevi e assino”.*



Mário Antônio Nogueira

Em 10/07/1950, através de Assembléia Geral, foram aprovados os estatutos e eleita a primeira diretoria.

Primeira Diretoria da Corporação Musical Santa Cecília

Presidente: Mário Antônio Nogueira; **Vice-presidente:** João Batista Mendes; **1º. secretário:** Aldo Angelini; **2º. secretário:** Benedito de Oliveira Vaz; **1º. tesoureiro:** Cesário Ribeiro Bueno; **2º. tesoureiro:** João Rosa de Oliveira; **Diretor:** Agostinho Angelini; **Comissão de Contas:** Dassás Vieira de Camargo, dr. Jorge Assef Amad e Ovídio Oscar de Miranda.

3.3 Presidentes

Presidentes:

Mário Antônio Nogueira - 1950/1966 - 1970/1972; José Ruy de Miranda - 1966/1969; Fernando Machado - 1969/70 - 1972/1973; Acácio Domingues 1973/1975 - o último presidente.
Obs. exercício de julho a junho.

3.4 Maestros e Músicos

Maestros:

Antônio de Oliveira Pinto (1950/1958); Roque Soares de Almeida (1958/1960); Praxedes Januário de Campos (Tatuí) (1960/1963); Lázaro Nogueira da Silva (1964/1975).

Relação parcial dos músicos:

Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristovão), pistão e harmonia; João Paulino da Silva (Janguinho), bombardino; Paulino de Oliveira Pinto, baixo; Aparício de Oliveira Pinto, prato e rufo; Deoclécio José da Fonseca, pistão; Horácio Soares de Almeida Primo (Filé), trombone de canto e baixo; Roque Soares de Almeida, clarinete; Praxedes Januário de Campos, requinta; Alípio de Oliveira Pinto, baixo; Carmo Brasile (Carminho), harmonia; Braz Vieira de Barros, bumbo; Jarbas Nogueira, trombone de canto; Olívio de Oliveira Pinto, trombone; Paulo de Campos, rufo; Simão Nunes Diniz, sax de harmonia; Irineu de Oliveira Pinto, pistão; Lázaro Nogueira da

Silva (Pingo), clarinete; Domingos Nogueira Sobrinho, clarinete; João José Ribeiro (Fio), pistão; João Carlos Nunes (Braza), prato; Luiz Domingos Miranda Angelini, clarinete; Benedito Custódio Barreto Filho (Beninho), rufo/surdo; Vilarino de Souza (Larico), bumbo; Eugênio Soares de Almeida, rufo; Juvenal Fidelis, clarinete; Durvalino Cardoso, prato; Darci Soares de Almeida, bumbo; Juvenal da Luz Cardoso, harmonia; Abimael da Luz Cardoso, baixo; Rubens Vaz da Fonseca, rufo/bumbo; José Carlos Cardoso, surdo; Lázaro Cardoso, harmonia; Júlio do Amaral Paes, clarinete; Paulo Cesar Domingues, pistão; Lélío Antônio Nogueira da Silva, pistão; André de Almeida Machado, clarinete; Carlos de Almeida Machado, clarinete; Cezarino Antunes Correa, clarinete e requinta; João Carlos da Rosa (Janjão do Nenê Telles), trombone de canto; Benedito Manoel de Proença, trombone de canto; Dionísio José da Rosa (Nenê Telles, baixo); José Francisco de Camargo (Chico do Jorge), harmonia; Antônio de Paula Leite Sobrinho, clarinete; Henrique Pinto da Silva, bumbo; Emílio Rosa, trombone; João Ribeiro Neto, sax de harmonia; José Aristides da Silva, trombone; Hugo Biagioni, trombone; Zezinho Vaz, clarinete; Antônio Celestino de Arruda, clarinete; Ulisses Silveira, clarinete; Roque de Paula, clarinete; Lúcio Jacinto, harmonia; Toninho Claro, harmonia, Rui Nunes Ribeiro, clarinete; Laurício, sax tenor; Joaquim do Veríssimo, sax tenor; Gilberto de Almeida Carneiro Jr, sax tenor; Nando do João do Jango, sax tenor; Marcos Soares de Almeida (Marco do Roque), sax tenor; Ely Jacob, sax tenor; Olavo, trombone; Aldemi, trombone; Tone do Bizo, trombone; Siriri, trombone; Chico da Mindica, trombone; Zé Gavião, trombone; Zé Galinha, trombone; Beto do Lazinho, trombone; Gabriel, trombone; Hudson Nogueira da Silva, pistão; João de Camargo (do Dico Batateiro), pistão; Hélio Bueno de Miranda, pistão; Irani Pedroso, pistão; Márcio Barros, pistão; Artêmio, pistão; Zé, irmão do Artêmio, pistão; Almiro, pistão; João, irmão do Almiro, pistão; João Amélio, pistão; Ronério Nunes Ribeiro, pistão; Horácio Manoel de Proença, pistão; Cibele de Piraju, pistão; Ênio de Moraes, clarinete; Cícero de Moraes, clarinete; Arlindo Roder, clarinete; José Maria Correa, clarinete; Tadeu Nogueira, clarinete; Luiz Renato Angelini, sax soprano; Tereziano Valêncio da Silva, clarinete; José Valêncio da Silva (Zé Mumuia), clarinete; Ricardo, filho de Abílio Dinarte, clarinete; José Domingos Diniz (Minguinho Filho), clarinete;

3.5 Diretores e Sócios

Diretores e Sócios - Relação Parcial:

Mário Antônio Nogueira, Benedito de Oliveira Vaz, Dassás Vieira de Camargo, Aldo Angelini, Agostinho Angelini, Osvaldo Fogaça Leite, Acácio Domingues, João Palmeira, João Batista Mendes, João Bueno de Miranda, Cesário Ribeiro Bueno, Alaor Fazzio, João Rosa de Oliveira, Jorge Assef Amad, Renato Nogueira, Horácio Manoel Domingues, Henrique Pinto da Silva, Camargo Soares de Almeida, Carlos de Almeida Barros, Antônio Carlos Vieira, Antônio de Oliveira Pinto, Elias Fadel Fadel, Fernando Machado, Irineu de Oliveira Pinto, João Carlos Nunes, João Paulino da Silva, João de Paula Neto, Simão Nunes Diniz, Angelino Nunes da Silva, Noel Nunes da Silva, Pedro de Paula Leite, Antônio Pinto da Silva, Ítalo Ado Biagioni, Beraldo da Luz Cardoso, Lázaro Cardoso, José Carlos Cardoso, Luiz Miranda, Lázaro Nogueira da Silva,

Narciso Nogueira, Domingos Nogueira, Eugênio Grazioli, Eurico Fogaça, Francisco Rosa de Oliveira, Renato Nogueira da Silva, Paulo Moraes da Silva, Dirceu Fogaça, Benedito Gianotti, Aloísio de Oliveira, Walter Barbosa, Braz Domingues, Luiz Domingues, José Barbosa Carneiro, Antônio Sebastião Vieira, Cesário Fogaça de Almeida, Horácio Soares de Almeida Primo, Simão Luiz Machado, Murilo Alves Seraphim, Luiz Gonçalves, Alfredo Ares Júnior, José Maria Nogueira, Ângelo Biagioni, Antônio Ribeiro Diniz, João Rosa, Francisco Vieira Fernandes, João Batista Rosa, Antônio Sebastião Vieira, Osvaldo Miranda da Silva, Renato Nogueira Filho, Pedro Nogueira Sobrinho, Domingos Diniz Vaz, Ovídio Oscar de Miranda, Lindolfo Florentino de Oliveira, Simão de Oliveira Vaz, Antônio de Jesus Angelini, João José Ribeiro, Alípio de Oliveira Pinto, Florival Moreira da Silva, Luiz Moreira da Silva, Ivo Aleixo, Fernando José Sola Carneiro, Bruno Biagioni, João Batista de Barros, Dionísio José da Rosa, Júlio do Amaral Paes, Francisco Ribeiro, Rubens Vaz Fonseca, Manoel Carlos Avallone, Domingos Manoel de Oliveira, Antônio Oliveira, Benedito Dias Sobrinho, Paulo Paulino Mendes, Nicanor Miranda da Silva, Alfredo Ares, José Ruy de Miranda, Abimael da Luz Cardoso, Osvaldo de Paula Ribeiro, Antônio de Arruda, Domingos Nogueira Sobrinho, Pedro de Paula Leite, Gilberto de Almeida Carneiro, João Mendes de Almeida, Braz Gica da Paz, José Vieira de Campos, João Carlos Nunes, João da Silva Vieira, Antônio Carlos Cardoso, Paulo Cesar Domingues, Lauro Oliveira de Paula, Aparecido Candido, Gilberto de Almeida Carneiro Júnior, Francisco Ribeiro, Domingos Tadeu Nogueira, Darci Soares de Almeida, Fábio Moreira da Silva, João Batista Palmeira, Carlos Roberto Amaral Paes, Humberto Fogaça de Campos, Antônio Carlos Vieira Júnior, Flávio Moreira da Silva, Hélio Nunes de Moraes, João Dias da Silva, Homero José de Almeida Brito, Francisco São Pedro Ares, Maurício Alves Seraphim, Manoel Francisco da Silva, Benedito Dias Sobrinho, Excelencino Pinto Silveira, Antônio Rubens Diniz

3.6 Excursões

A Banda Santa Cecília fez inúmeras excursões, apresentando-se em festas e eventos de cidades vizinhas e de outras regiões do território paulista e, inclusive, em outros estados.. Como destaque, foi muito importante o sucesso alcançado nas excursões feitas à Pereira Barreto, Araçatuba e Birigui (1963); Porto Epitácio e Paraguaçu Paulista (1968) e duas vezes na cidade do Guarujá.

3.7 Maestro Praxedes Januário de Campos

Nasceu em Tatuí em 10/07/1890, filho de José Benedito Cortez e Felisbina de Campos. Iniciou seus estudos com o maestro Bonifácio José da Rocha. Tocava requinta. Muito jovem, com apenas 18 anos de idade, assumiu a direção da tradicional Banda Santa Cruz, onde permaneceu por muitos anos. Enérgico, disciplinador, foi um músico excelente. Compositor, deixou inúmeras obras musicais. Veio de Tatuí para dirigir a Banda Santa Cecília,

substituindo o maestro Roque Soares de Almeida, permanecendo por pouco tempo. Experiente, conseguiu manter a unidade da corporação e, com sua saída, foi substituído pelo maestro Pingo. Regeu também a Banda União Operária de Tatuí, a Banda São Francisco de Assis de Capela do Alto, a Banda Santa Cruz de Cesário Lange e a Banda de Cerquilho. Faleceu em Tatuí no dia 27/03/1967.

3.8 Maestro Lázaro Nogueira da Silva

Lázaro Nogueira da Silva (**Maestro Pingo**), filho de João Paulino da Silva e Bernadete Nogueira, nasceu em Porangaba em 26/08/1935. Após os estudos básicos, iniciou na música com o próprio pai, aprendendo a tocar clarinete e rufo. Depois, continuou o aprendizado com Toninho Cristovão. Com o tempo tornou-se exímio saxofonista e fez parte das seguintes orquestras dançantes: Tro-Lo-Ló (Tatuí), Pan América (Itapetininga), Irmãos Cavalheiro (Sorocaba), Continental (Jaú), Orquestra Tropicana (São Paulo), Orquestra do Adolar (São Paulo) e Sambrasil (Salto de Itú). Chegou a manter a sua própria orquestra. Como músico de banda, iniciou na Santa Antônio e foi maestro da Santa Cecília, onde conquistou o tri-campeonato estadual de bandas, consecutivamente, nos anos de 1964, 1965 e 1966. Formou muitos músicos através da “escolinha de música para jovens”, mas o maior destaque de sua carreira foi a criação da “Bandinha do Pingo”, (a segunda) o maior evento musical de Porangaba em todos os tempos, o coroamento e reconhecimento do mestre musical e da escola porangabense de música, quando o nosso município tornou-se detentor da melhor banda de jovens do Estado de São Paulo. Tocou clarinete na Orquestra de Sopros do Conservatório de Tatuí e integrou a Big Band SamJazz, sob a regência de Hector Costita. Atualmente, é professor no Conservatório Dramático e Musical “Carlos de Campos” (Tatuí), onde ensina clarinete e saxofone; maestro da banda do projeto “Criança Esperança” e maestro de professor da Banda Municipal de Porangaba.



*Maestro Pingo, em Brasília, com o Presidente da República
Emílio G. Médici e esposa*

3.9 Diretoria tri-campeã - 1966

Presidente: Ruy Bueno de Miranda; **vice-presidente:** João Batista Mendes; **1º. secretário:** Gilberto de Almeida Carneiro; **2º. Secretário:** Benedito de Oliveira Vaz; **1º. tesoureiro:** Pedro de Paula Leite; **2º. tesoureiro:** Antônio de Oliveira Pinto; **Comissão de Contas:** Dassás Vieira de Camargo, Irineu de Oliveira Pinto e Ovídio Oscar de Miranda.

3.10 A Grande Campeã

“A maior glória alcançada pela *Corporação Musical Santa Cecília* foi nos anos de 1964, 1965 e 1966, quando, participando de concursos, ganhou em primeiro lugar, consecutivamente, e se tornou “**Tri-Campeã do Estado de São Paulo**”. Foi no Concurso Geral das Bandas e Fanfarras levado a efeito pela Rádio Municipalista de Botucatu, na comemoração do aniversário de fundação. Cerca de 45 bandas participaram do último concurso, designado “III Concurso de Bandas e Fanfarras”, que à época ia se tornando um evento aplaudido por todo o Estado de São Paulo, com a participação de 5.000 músicos. No ano de 1966, quando levantou o tri-campeonato, a classificação e premiação foi a seguinte: **1º. lugar:** *Corporação Musical Santa Cecília de Porangaba* (500 mil cruzeiros); **2º. lugar:** *Corporação Artur Giambeli de Limeira* (250 mil cruzeiros); **3º. lugar:** *Corporação Musical São Jorge de Tatuí* (125 mil cruzeiros). A Comissão Julgadora desse último concurso era formada pelos seguintes membros: D. Henrique Golland Trindade (arcebispo metropolitano); Joaquim Amaral Amando de Barros (prefeito municipal); Luiz Baptistão; maestro Salim Kail; sargento Alcides Ledesma dos Santos; Aparecida Carvalho M. Campos; Maria da Glória Guimarães Venditto; Lúcia Villas Boas Novelli e Aparecida Martins Eichenberg. Dessa data em diante, a banda passou a ser muito requisitada, pois levava o título de “tri-campeã” e essa distinção obrigou um maior aprimoramento nos arranjos, que enriqueceu suas inúmeras apresentações. O maestro Pingo foi o grande responsável pelo êxito, graças ao seu profissionalismo e, praticamente, sem recursos financeiros, levou esse grupo ao brilho máximo. Como a cidade de Porangaba não tinha condição de alicerçar duas bandas musicais de uma só vez, os próprios músicos, com o passar do tempo, foram enxergando a hipocrisia que ainda existia, alimentada pela política local e, o que parecia impossível, como num passe de mágica, aconteceu, pois, analisando as diferenças, solidariamente, resolveram de comum e mútuo acordo, celebrar a união possível das

duas bandas, fundando a *Corporação Musical Porangabense*”.⁽⁷⁾

4. Corporação Musical Porangabense

A rivalidade que existiu entre os músicos no passado foi diminuindo com o correr do tempo, mesmo com o longo período de inatividade da Santo Antônio e o crescimento da Santa Cecília. Alguns músicos destacaram-se como pacificadores e, em 1967, João Paulino da Silva (Janguinho), ao compor o dobrado “Todos Unidos”, sinalizou o interesse maior em salvar a arte musical em Porangaba. Quase uma década depois, nasceu, então, a *Corporação Musical Porangabense*, como resultado da fusão das duas bandas, quando surgiu a grande oportunidade de enterrar definitivamente as “diferenças” e “mal-entendidos” do passado. Os próprios músicos influenciaram os diretores das duas corporações e, então, Acácio Domingues, presidente da Banda Santa Cecília e Sérgio Rossi, presidente da Banda Santo Antônio, celebraram a unificação com poderes que lhes foram outorgados através de AGEs realizadas, respectivamente, nos dias 08/09/75 e 15/09/75. Em seguida, de acordo com a deliberação aprovada na reunião extraordinária, realizada no dia 05/10/1975, foi efetivada a união e a incorporação dos patrimônios. Na mesma reunião foi eleita a primeira diretoria, já com a incumbência de elaborar os novos estatutos sociais. Era prefeito do município o sr. Mário Antônio Nogueira.

4.1 Primeira Diretoria

Presidente: Cristino Manoel de Miranda; **vice-presidente:** Licério Luiz Machado; **1º. secretário:** Acácio Domingues; **2º. secretário:** José Clacir de Oliveira; **1º. tesoureiro:** Gilberto de Almeida Carneiro; **2º. tesoureiro:** Francisco Ribeiro; **diretor social:** Sérgio Rossi; **Comissão de Contas:** José Maier, Otoniel dos Reis, Horácio Francisco da Silva e Lauro Oliveira de Paula.

Na assembléia geral extraordinária convocada pela nova diretoria e realizada em 20/12/1975, foi escolhido o nome da nova banda, por meio de votação, e aprovados os novos estatutos sociais da *Corporação Musical Porangabense*.

- Como curiosidade, os outros nomes que foram apresentados e sugeridos na assembléia para a nova banda: *Corporação Musical São Roque*, *Associação Cultural Porangabense*, *Corporação Musical Unidos de Porangaba*, *Associação dos Artistas de Porangaba*, *Associação Cultural dos Amigos de Porangaba*,

⁷ Carlos Roberto do Amaral Paes, advogado e músico, em “História das Bandas de Música de Porangaba”-1987

Corporação Musical Francisco Pássaro, Corporação Musical Mestre Chico, Corporação Musical Lira de Porangaba, Corporação Musical Amadores de Porangaba e Corporação Musical São João.

Através da assembléia geral realizada em 12/02/1976, foi consolidada a fusão. Inscrita no CGC/MF/SRF, sob o nº 50.780.584/0001-33, foi registrada em 18/05/1979 no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Tatuí, SP, Livro A, como entidade destinada ao desenvolvimento cultural, artístico e musical.

A nova banda sempre foi regida pelo maestro Pingo e, mesmo unida e motivada, começaram as primeiras dificuldades. Diversos problemas afloraram: a escassez de recursos financeiros, a falta de instrumentos para reposição, a necessidade de novo fardamento, a impossibilidade de preencher as vagas dos músicos falecidos, as dificuldades para formar novos instrumentistas, pois os jovens já mostravam preferir outros tipos de lazer. O maior problema era a falta de apoio do governo municipal, que alegava ter outras prioridades. Custava acreditar que a banda tão espetacular, campeã, que elevou o nome da cidade e do músico porangabense, passasse por momentos tão difíceis. Ficou praticamente impossível reuni-la e o grupo diminuía cada vez mais. Sucedeu então que o maestro, junto com um grupo de abnegados conterrâneos, iniciou uma campanha para revigorar a corporação, voltando a atenção para os jovens, num trabalho especial à formação de novos músicos, incentivando e facilitando o aprendizado. Foram arregimentados novos companheiros, feitas promoções diversas junto à população para arrecadar fundos, o que possibilitou a aquisição de móveis, instrumentos e fardamento. Sempre evoluindo, o maestro Pingo com base na experiência adquirida ao conquistar o “tri-campeonato”, tinha percebido que o “galardão” aumentava a sua responsabilidade profissional e seria mais exigido e cobrado. A partir daí, mudou radicalmente o sistema de apresentação, com repertório diversificado, eclético, não tocando somente “dobrados e marchas”. Surgiu, então, dentro da Corporação Musical Porangabense, a escolinha de música para jovens, com as aulas sendo ministradas na sede da corporação e na própria residência do maestro. O resultado foi positivo e nos anos de 1970/1972 a nova geração de músicos já estava apta a tocar na **Bandinha do Pingo**, que, então, nascia e viria constituir, nos anos seguintes, **o maior evento musical de Porangaba, em todos os tempos, o coroamento e reconhecimento do mestre musical e da escola porangabense de música**. Foi, sem dúvida, o trabalho sistemático iniciado em 1967 que frutificou e evoluiu gradativamente por uma década, quando então firmado na nova orientação e, sobretudo, na perseverança do “mestre” e seus comandados, a bandinha atingiu o ápice no período de 1980/1985.

Porangaba tornou-se detentora da melhor banda de jovens do Estado de São Paulo

4.2 Bandinha do Pingo

O trabalho do maestro Pingo em sua terra natal não foi seqüencial e apresentou hiatos por questão de sobrevivência, já que ali não encontrava o respaldo financeiro suficiente. Como músico profissional passou a tocar em orquestras dançantes de cidades vizinhas e, como consequência, a banda ficou inativa. A própria história da “banda-show” mostra que os atos não foram rigidamente ordenados. A primeira experiência desenvolvida no ensinamento desses jovens foi após o ano de 1967, quando treinou, aproximadamente, 30 elementos e se apresentou domesticamente. Na época, chegou a dirigir as duas bandas ao mesmo tempo - a juvenil e a adulta. A experiência, embora gratificante, não durou muito tempo. Mesmo com a fusão das bandas no ano de 1975, somente em 1977 o maestro voltou a trabalhar regularmente em Porangaba. Então, convidado pelo prefeito municipal que se empenhou em comissioná-lo, pois era funcionário da Secretaria de Educação, passou a trabalhar em tempo integral. Fez o diagnóstico da situação musical local e identificou como maiores problemas: a falta de renovação no quadro de músicos, o desinteresse dos jovens pela música instrumental, a falta de recursos e incentivos. O trabalho seria enorme. O primeiro passo foi selecionar os jovens, na faixa etária de 5 a 15 anos de idade para o aprendizado e, ainda, apelar à sociedade local para ajudar na tarefa em questão. Houve grande movimentação e o apoio veio através de recursos materiais. A diretoria e o governo municipal se empenharam ainda mais e foi dada, então, a sustentação necessária à chamada bandinha. Após três meses de trabalho árduo, em tempo integral, foi feita a primeira apresentação pública no Ginásio Estadual “Aldo Angelini”. Foi o ponto de partida para o sucesso extraordinário, a nível estadual, que projetou o nome da cidade. Com variado e escolhido repertório, desde músicas sertanejas às clássicas, outras do cancioneiro popular nacional e internacional, em arranjos originais, a **Bandinha do Pingo** com seus 30 jovens componentes foi aplaudida, entusiasmamente, por onde passou. Os convites para apresentação não cessavam. Inúmeras foram as excursões e, pela primeira vez, foi possível ver a imagem da banda em espetáculos televisivos. Apresentou-se com destaque na Capital, no Palácio das Convenções do Anhembi e fez excursões interestaduais.

As mudanças impostas pelo maestro Pingo atingiram, também, a banda adulta, que teve o seu repertório revisto e atualizado. Houve resistência por parte de alguns músicos veteranos, que preferiam arranjos mais simples, os dobrados tradicionais. O maestro manteve sua

orientação e, mesmo com a saída de alguns elementos, continuou com seu arrojado projeto. O resultado pode ser mensurado através da sucessão cronológica de marcantes apresentações, com exibições inesquecíveis em muitas cidades: -

- **1977** - a bandinha, sob moderna orientação musical, começa a se apresentar e mostrar os músicos da nova geração;
- **1980** - já conhecida como “Banda Show do Pingo” ou “Bandinha do Pingo”, com a maioria dos músicos na faixa etária de 7 a 18 anos; em outubro é inscrita na peça teatral “Generalzinho de Saia”, no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí, como integrante especial e obteve o 1º. lugar;
- **1981** - no mês de outubro apresentou-se na cidade de Taquarituba com grande sucesso;
- **1981** - o jornal “Tribuna do Leitor” da cidade de Itapetininga, na edição do dia 08/12/1981, divulga a bandinha com artigo assinado pelo jornalista Du Basile, intitulado Bandinha de Porangaba (Pingos de Canção), onde exalta a atuação dos nossos meninos;
- **1982** - em 19/03/1982, na festa de comemoração das “Bodas de Ouro” da Escola Estadual de Primeiro Grau “Joaquim Francisco de Miranda” de Porangaba;
 - no mês de julho, a bandinha é premiada no Festival de Inverno de Campos do Jordão, SP;
 - no mês de agosto, na cidade de Três Pontas, MG, na festa de “Nossa Senhora das Lágrimas”, a convite da Usina Boa Vista S.A.;
 - no mês de agosto, na Festa de São Roque, no Salão Paroquial de Porangaba;
- **1983** - realizado o concurso “Vamos Bagunçar o Coreto” na cidade de Tatuí, referente à IV Região Administrativa do Estado de São Paulo, fase eliminatória, com a participação de diversas bandas, quando a Bandinha do Pingo obteve o 1º. lugar;
- **1984** - nos dias 21 e 22/01/1984, exibições no coreto da praça da República em São Paulo, como convidada especial e não concorrente, quando da realização do concurso “Vamos Bagunçar o Coreto”, sendo chamada de “a banda mais alegre”.
 - no dia 25/01/1984, apresentação no Shopping Center Eldorado, na capital paulista, com sucesso extraordinário;
 - o jornal “Cruzeiro do Sul” de Sorocaba publica, na edição do dia 25/01/1984, matéria sobre o sucesso obtido pela banda em São Paulo, nas apresentações no coreto da praça da República, onde, como convidada especial, reviveu grandes momentos da música popular autêntica e foi aplaudida pelos paulistanos, que acompanharam dançando durante quase duas horas de apresentação; na oportunidade foi convidada pela Abril Vídeo, TV Gazeta e Shopping Eldorado para abrilhantar os eventos comemorativos dos 430 anos da cidade de São Paulo;
 - apresentação no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo;
 - no Circo Vostok, em São Paulo;
 - no Clube Cassino Atlântico, em Santos;
 - abril /1984 - apresentação na festa do 129. aniversário do município de Botucatu;
 - 28/04/1984 - na II Festa do Folclore de Águas de Santa Bárbara;
 - 29/04/1984 - no Clube Recreativo Venâncio Ayres de Itapetininga;
 - 01/05/1984 - na cidade de Lençóis Paulista;
 - 20/05/1984 - nova apresentação na cidade de Três Pontas, MG, a convite da Prefeitura Municipal daquela cidade, onde participou de festejos religiosos; foi hospedada na Usina Boa Vista S.A.;
 - setembro/84 - na XVI Feira da Amizade em Jundiá, SP;
- **1985** - 03/02 - a Bandinha participa do concurso “Vamos Bagunçar o Coreto”, na praça da República em São Paulo, promovido pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, em conjunto com a Rádio e Televisão Cultura - Canal 2 - e obteve o 2º. lugar.

Como curiosidade, relacionamos as cidades onde a “Bandinha do Pingo”, apresentou-se com sucesso:

Cesário Lange, Pereiras, Laranjal Paulista, Tatuí, Itapetininga, Sorocaba, Angatuba, Piracicaba, Campos do Jordão, Taquarituba, Botucatu, Avaré, Lençóis Paulista, Águas de Santa Bárbara, Americana, Jundiá, Rio das Pedras, Itai, Guarujá, São Manoel, São José dos Campos, São Roque, Piedade, Anhembi, Paranapanema, Fatura, Pardinho, Barra Bonita, Santa Cruz do Rio Pardo, Pereira Barreto, Valparaíso, Ourinhos, Santo Anastácio, São Paulo, Rio de Janeiro (RJ), Três Pontas (MG).

4.3 Músicos da Bandinha

Irineu Gregório (Cebola), Lélío, Ronério Ribeiro, Bosco, Ellen Nogueira da Silva, Afonso Martins (Beleza), Hudson Nogueira da Silva, Levi Machado, Dalvete, Laurício Diniz Vaz, Ieda Sola, Aparecido Generoso (Cido), Cibele, Gilmar, Rui Ribeiro, José Eduardo (Dado), João Francisco (JR), Dito Proença, Renivaldo

Ávila, Gilmar Cubas, Lilian Cassimiro, Valéria, José Domingos Diniz (Minguinho), Francisco Alves dos Reis, Antônio Florentino Jr, José Francisco Cassimiro, Abimael da Luz Cardoso (Mãe), Luiz Antônio (Português), Hélio Paes Cardoso, Flávio Geraldini, Fernando Cassimiro, Cláudio Mendes Correa, Wilson Generoso (Batazinha), Ricardo Cassimiro, Cláudio Generoso, etc.

4.4 Destaques da Bandinha

Dentre os jovens iniciados na bandinha, três deles passaram a se dedicar exclusivamente à música e hoje são músicos profissionais destacados:

Hudson Nogueira da Silva

- Músico de expressão, compositor e arranjador, iniciou no trompete. Toca também saxofone e clarinete. Fez parte da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, do Quarteto Prandini e da Banda Savana. Lecionou música no Conservatório Dramático e Musical “Dr Carlos de Campos”, de Tatuí, SP, onde hoje exerce a função de arranjador e compositor. Bacharel em clarinete pelo Mozarteum. Compôs a peça Opus Trio I, que foi premiada em julho de 1997 no Concurso de Música de Câmara de Buenos Aires.
- *Esta peça é considerada a primeira obra brasileira para trompa, clarinete e piano, conforme reportagem de Antônio Gonçalves Filho, no Caderno 2, do jornal “O Estado de São Paulo”, de 06/08/1997, fls. D3.*

Flávio Geraldini

- Estudou piano com a professora Selma Romagnolo, em Tatuí, e depois saxofone com o maestro Pingo. Foi também aluno do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí e, hoje, é bacharel em música pela UNESP. Violinista da Orquestra Sinfônica Municipal e da Orquestra Jazz Sinfônica, ambas da cidade de São Paulo.

Luiz Antônio Alves Antunes (Português)

- Baterista, continuou seus estudos em São Paulo, atuando, hoje, em conjuntos musicais e em gravações. Atingiu grande desenvolvimento musical e ministra aulas na capital paulista.

4.5 A Última Apresentação

Depois da última exibição em São Paulo, em 03/02/1985, mesmo com o enorme sucesso obtido, começou o processo de desintegração da bandinha, pois o ambiente já estava conturbado pelos rumores e boatos que surgiam de todos os lados. Os comentários eram variados; uns culpavam o maestro Pingo, falavam do seu *estrelismo*; outros criticavam o prefeito pela *omissão* e que não apoiava a banda por estar com ciúmes e ofuscado pelo sucesso dos músicos, já que queria todas as “loas” e tirar proveito político. A polêmica aumentou quando foram entrevistados pelo correspondente do jornal “Diário de Sorocaba”, edição de 17/02/1985. O maestro Pingo criticou abertamente a diretoria e o poder municipal; enfatizou a duplicidade de comando (todos queriam aparecer), a falta de incentivo, de apoio financeiro e o fato da indisciplina começar a surgir no meio do grupo. O prefeito municipal Francisco Alves dos Reis refutou as acusações, alegando desconhecer totalmente o quadro descrito pelo maestro, pois sempre foi defensor da banda e, principalmente, na qualidade de ex-músico e diretor da corporação. Lamentou que não tivesse sido avisado das ocorrências apontadas e disse mais: “- *A bandinha não pode morrer, ainda que precisemos enfrentar a pressão dos correligionários .*”

Pois bem, apesar das promessas do prefeito que destacava como prioridade para sua administração: *educação, cultura e saúde*, o último suspiro foi dado no ano de 1988 e *a banda morreu*. Nada foi feito para salvá-la. Antes, com a fusão (louvável, mas sem nenhuma vontade política de gerenciamento), já tínhamos assistido o fim das duas bandas tradicionais - a Santo Antônio e a Santa Cecília. Agora, morria a **BANDINHA DO PINGO** e junto, com certeza, a **CORPORAÇÃO MUSICAL PORANGABENSE**. O sonho acabou ...

4.6 Desativação definitiva

Por ironia do destino, a desativação da *Bandinha do Pingo*, tendo como consequência a imediata paralisação da banda adulta, ocorreu justamente na gestão do prefeito Francisco Alves dos Reis, músico e ex-integrante do grupo, depois da última exibição em São Paulo. Sem dúvida, mais uma vez afloraram as maquinações políticas, vaidades pessoais, ciúmes, incompetência e desinteresse pelas coisas da terra. A manutenção do “grupo” custava caro! Porque divulgar Porangaba! Uma banda moderna para exposições, somente! Faixas enaltecendo o trabalho de um maestro e a arte de um grupo de jovens músicos? Nem pensar.

O tempo tinha passado e, infelizmente, os políticos daqui não tinham percebido...! Ocorriam os mais desconhecidos rumores, comentários maledicentes, enfim

muita polêmica e “fofoca”. Na realidade, a banda, ainda que de jovens, exigia o respaldo financeiro, mesmo que os músicos pouco ou quase nada ganhassem (alguns poucos rateios foram feitos e o certo seria que todos fossem remunerados), mas a manutenção (fardamento e instrumentos), transportes, hospedagens, alimentação, etc. custavam muito dinheiro. O espírito juvenil poderia até suportar privações, sacrifícios, mas, diante das ocorrências, a diretoria e as autoridades locais deveriam procurar soluções imediatas para os problemas identificados sob o risco de perder a hegemonia conseguida no campo musical.

Tudo conduzia à extinção do grupo, com viagens mal programadas, a falta de tempo para os jovens músicos se dedicarem aos estudos básicos complementares, para os ensaios e a necessidade de trabalhar. O sucesso rápido pode até ter perturbado a cabeça de alguns e, então, no momento de consolidar a invejável posição que a banda alcançou, faltou o apoio das autoridades. Os problemas foram se avolumando e prevaleceu a lei do mínimo esforço.

“Soubemos, há dias, que o prefeito da cidade de Cesário Lange, fazendo justiça a toda região, contratou os serviços musicais do sr. Lázaro Nogueira da Silva, conhecido por “Pingo”. Quem não conhece o “Pingo”, nesta extensa região Sorocabana? Pois bem, trata-se de um dos mais eficientes e compenetrados músicos do Estado, fundador da famosa “Bandinha do Pingo”. A “Bandinha do Pingo” foi criada por inspiração do conhecido músico, com prestígio e apoio do então prefeito municipal de sua cidade natal que é Porangaba. Tudo começou nos fins dos anos 70, quando o Pingo, em conversações com o chefe do Executivo porangabense, resolveu formar uma banda de música para a cidade. Mas havia carência de elemento humano. Contudo, o Pingo não desanimou e, sempre apoiado pelo prefeito, montou uma Escola de Música, formando ele mesmo os músicos que, dali a alguns anos, iriam deleitar Porangaba com seus melífluos acordes. E a “Bandinha do Pingo”, como tal foi batizada pela população, chegou a contar com um elenco de pelo menos trinta e cinco (35) integrantes, sendo em grande maioria composta de jovens dos 13 aos 19 anos de idade. Não só Porangaba, mas toda região se deliciou, assistindo aos concertos da “Bandinha do Pingo”. Só em minha cidade Itapetininga, a Bandinha tocou pelo menos quatorze (14) vezes, tendo atingido o seu apogeu no idos de 1982. Com a mudança de prefeito, ocorrida em 1983, eis que o “Pingo” e sua gloriosa “Bandinha” não receberam da nova administração o tão necessário apoio, descaracterizando-se, por completo, o grande acervo cultural montado pelo “Pingo”, para a tristeza geral. E o “Pingo”, que sempre fez da música o seu sacerdócio, teve de abandonar, momentaneamente, sua obra artística, à míngua de recursos. Coisas de política... Agora, prestigiado, mercê do espírito altaneiro e nobre do prefeito de Cesário Lange (cujo nome desconhecemos, infelizmente), que soube enxergar e apoiar um dos maiores valores morais e culturais da região, parece que teremos, em breve, a satisfação de ouvir novamente a célebre “Bandinha do Pingo”, toda reconstituída. Parabéns Pingo, parabéns prefeito de Cesário Lange, parabéns região de

Sorocaba, vamos em frente e aceitem os dois primeiros nosso muito obrigado”. (8)

O tempo passou e em 12/02/1987 houve nova tentativa para reerguer a banda, com a eleição de uma diretoria formada por jovens, na maioria músicos, presidida por Carlos Roberto Amaral Paes.

4.7 Última diretoria

<p><i>Presidente: Carlos Roberto do Amaral Paes; vice-presidente: Sávio Alegre dos Reis; 1º. secretário: José Domingos Diniz; 2º. secretário: João Francisco Rosa; 1º. tesoureiro: José Clacir de Oliveira; 2º. tesoureiro: José Cezarino Correa; diretor social: Lélío Antonio Nogueira da Silva; comissão de contas: Abimael da Luz Cardoso, Cláudio Mendes Correa e Veríssimo Levi da Costa Machado.</i></p>

A diretoria, mesmo diante da difícil situação financeira, conseguiu angariar recursos para a compra de material e iniciou a reforma da sede social. Em seguida, solicitou ajuda à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, uma cota mensal em dinheiro e, também, uma subvenção ao Prefeito Municipal. Infelizmente, nada foi obtido e então a diretoria tentou se beneficiar dos incentivos da “Lei Sarney”, preparando a inscrição junto ao Ministério de Cultura do Governo Federal.

Os instrumentos precisavam ser consertados e a reforma da sede não tinha sido concluída. A situação era cada vez mais crítica e, com o passar do tempo, tornava-se difícil a reativação. Decorrido precisamente um ano, em 09/01/1988, o presidente foi reeleito e deu continuidade às providências para reerguer a banda. Foi juntada a documentação necessária para os benefícios da “Lei Sarney”; feito o cadastramento na Secretaria da Cultura e na Secretaria de Esportes e Turismo do Estado. Para a formação de novos músicos, foi criado um curso de música na “Escola da Tia Zezé”, ministrado pelo maestro Pingo e que seria pago pelos participantes. Com os recursos financeiros obtidos junto à população foram reformados os instrumentos e a diretoria recebeu da Secretaria da Cultura em doação: uma flauta transversal, um clarinete, um trombone de vara, um pistão, um saxofone (alto) e uma trompa. Adquiriu a bateria, procedeu a reforma do mobiliário da sede e regularizou a situação jurídico/fiscal da associação na Receita Federal. Finalmente, a **Corporação Musical Porangabense** apresentou-se no final daquele ano, no dia 08/12/1988, no **Salão Paroquial “Padre Antônio Dragone”**, com a ajuda

⁸ Artigo do advogado Hiram Ayres Monteiro, de Itapetininga, publicado na seção “Dos Leitores”, do jornal “O Estado de São Paulo”, edição de 29/01/1987.

de músicos de cidades vizinhas, na comemoração das bodas de ouro do frei Timóteo Maria de Porangaba. Três dias depois tocou na festa de formatura da “*Escola da Tia Zezé*”.

A última apresentação foi no dia 01/01/1989, na posse do prefeito Domingos Diniz Vaz. Havia, ainda, esperança de sobrevivência da banda.

Com a fama de ter sido o “prefeito da desativação”, Francisco Alves dos Reis, ciente das críticas e acusações que lhe foram feitas através da imprensa regional e por parte da população, quase 10 anos depois, em janeiro de 1998, se defendeu:

“Considero as críticas à minha pessoa totalmente injustas, como ex-prefeito e, principalmente, músico. Iniciei na Banda Santo Antônio, onde, além de participante, ocupei a presidência da corporação por três gestões. Sempre amei a música e procurei, como governante do município, dentro da minha alçada e do que era disponível, ajudar, pois a Bandinha do Pingo, como ficou conhecida, era ainda a própria Corporação Musical Porangabense. Os recursos eram escassos, mas nada mais pude fazer; não poderia ser o patrocinador generoso. Existiam outros problemas no município, prioritários, que exigiam maiores investimentos. Para a manutenção da bandinha, haveria a necessidade do maestro permanecer à frente do grupo, em tempo integral. O ideal seria o seu afastamento da orquestra dançante de Salto de Itu, pois era obrigado a se ausentar nos finais de semana e isso prejudicava a apresentação da banda. Apresentei-lhe, então, numa proposta salarial para tal fim, o valor máximo que poderia pagar, mas não foi aceita. Respeito a sua posição, pois se trata de um renomado e competente músico, que mereceria muito mais, todavia era o que eu poderia oferecer. Entendo, também, que já percebia na postura do maestro a intenção de parar. Toquei, ainda, como integrante da famosa bandinha, na última apresentação na capital paulista, onde fomos ovacionados pelo povo. Isto é ou não apoio e participação! Finalizando, acho que o assunto foi envolvido por boatos e mesquinhas para me prejudicar, para forçar o rompimento com o Pingo e os músicos, pois era o último ano do meu mandato. A paralisação e desativação da banda se deve exclusivamente à falta de recursos financeiros. Esta afirmação é facilmente comprovada, pois os prefeitos que me sucederam, até a presente data, nada fizeram para reativar a banda ”.

III. SAUDADES...

O nozor Pinto da Silva, poeta porangabense de saudosa memória, ex-integrante da Banda Santo Antônio, fez oportunas anotações sobre a “banda de música”, que incluímos prazerosamente para enriquecer a matéria.

“A função principal era tocar nas festas, principalmente nas religiosas e, depois, noutros eventos profanos. Apresentava-se também em cidades vizinhas, como: Conchas, Bofete, Cesário Lange, Tatuí, Guareí, Torre de Pedra e nos bairros da zona rural. Esses acontecimentos eram bastante concorridos, comemorações como as de Santo Antônio (padroeiro), São Roque (enquanto existiu a Capela), São João (no bairro do mesmo nome). Normalmente, as festas já começavam antes do dia santificado, quando, em procissão, o mastro era conduzido para levantamento, com o acompanhamento dos fiéis, do padre e autoridades. A banda dava um brilho especial ao ato. O mesmo ocorria na semana das festividades, quando tocava na entrada da cidade, logo no primeiro dia, quando chegavam as carroças e carros-de-boi, enfeitados e carregados de lenha doada para o “santo”, que eram as prendas preferidas.

Era costume da época vender a “lenha” aos moradores da cidade, entrando o dinheiro como receita para a festa. Dentre os participantes, como atração, desfilavam pequenos carros, puxados por bodes e carneiros, conduzidos por meninos. O cortejo entrava pelas ruas da cidade sob o gemido estridente dos eixos dos carros-de-boi passando defronte à Igreja Matriz, onde se postavam os festeiros e o padre e, enquanto eram abençoados, a banda tocava dobrados Como os carroceiros e carreiros faziam o transporte graciosamente, era costume almoçar por conta da “festa”, com comida farta e abundante, que, lembro-me com “água na boca”, era: arroz, feijão, batatinha ensopada com carne picadinha. Durante o almoço, sorteavam-se brindes aos participantes, nunca faltando um “lindo facão” que era cobiçado por todos. Em seguida, era feito o descarregamento de lenha, na frente das casas dos compradores, quando os meninos da cidade ganhavam uns trocados extras para recolher nos quintais. Já, no segundo dia, logo de manhã, a banda percorria as ruas da cidade tocando marchas alegres, acompanhada de lindas moças que iam de porta em porta, nas residências e casas comerciais, pedir prendas para o leilão. À tarde, ia buscar os festeiros nas suas casas e os levavam até a Igreja Matriz, onde era celebrada a novena em homenagem ao santo padroeiro.

A seguir, era realizado o leilão das prendas ganhas dos sitiantes, comerciantes e do povo em geral, como bezerras, leitões, cabritos, frangos, bebidas, assados, utensílios domésticos, etc. A banda sempre presente,

tocava todos os tipos de músicas, como valsas, tangos, maxixes, mazurcas e marchas.

No terceiro e último dia da festa havia a alvorada, logo cedo, ao amanhecer, quando a lira percorria as ruas tocando alegremente, sob o espocar de rojões, acordando a população. Terminada a alvorada, os músicos eram conduzidos para tomar café com bolo e saborear as mais variadas guloseimas, momento bastante aguardado por todos. Às nove horas, já estavam acompanhando os festeiros à missa (às vezes cantada) e, logo depois, acontecia o leilão tradicional, com muita animação e música, sendo arrematadas as mais variadas prendas, principalmente os assados. Os leiloeiros divertiam o povo e a “função” prolongava-se até às duas horas da tarde. Vinha, algum tempo depois, o leilão de gado, também bastante esperado, muito concorrido e festivo. Feito no mangueirão do Nhô Jango Mendes, ali eram arrematados individualmente, ou por lotes, os bezerros doados.

O evento seguinte era então a procissão, ao entardecer, pelas principais ruas da cidade, com grande participação popular, conduzindo os festeiros, o estandarte e o andor com o santo padroeiro, ricamente ornamentados, sempre com a banda tocando dobrados e o pipocar de rojões, ronqueiras e fogos de artifício. À porta da Igreja Matriz, encerrava-se o cortejo e, então, o padre agradecia o esforço dos festeiros, o apoio popular e, imediatamente, procedia a nomeação por “sorteio” dos novos festeiros, enquanto era detonada uma ruidosa bateria de fogos. A banda, mais uma vez, acompanhava a comissão designada pelo pároco que ia à casa de um dos festeiros escolhidos para a entrega do estandarte. Terminava aí toda a festa.

Os músicos costumavam receber alguma ajuda financeira para tocar nas festas, quando era feito o rateio entre os componentes. Certa vez, o vigário resolveu nada pagar, avisando aos músicos com antecedência e, como não houve concordância, mandou recolher os instrumentos que pertenciam à Igreja. **Naquele ano houve festa, sem banda...** Com a transferência do padre, o novo vigário entendeu-se com os músicos que voltaram a tocar e “ganhar”. Esses fatos retratam com saudades o que a banda nos propiciou. Não podem ser esquecidas as apresentações no coreto da praça da matriz, geralmente nos domingos à noite, sob a luz de lampiões, quando famílias inteiras, jovens, adultos e crianças ali se reuniam para ouvir a retreta. Enquanto os simpatizantes mais inflamados se acercavam dos músicos, as crianças brincavam alegremente e os jovens davam os primeiros passos de namoro. Todos, dessa época, lembram com saudades dos “fogos” e das “ronqueiras” (o último detonador foi o Beraldo da Luz Cardoso) - verdadeiros estrondos sincronizados com a música da banda.

Essas festas sempre traduziam “novidades”, gente de fora, quermesse (grupo de barracas ao ar livre, com

leilão de prendas, jogos, rifas, comes e bebes, correio elegante, cadeia, etc), cururus, pau de sebo, quebra potes, os mascates com roupas e brinquedos (ioiôs, carrinhos de madeira, bonecos e bonecas, etc.), barraquinhas com guloseimas (algodão doce, pirulitos, maçã do amor, raspadinha, etc.), e salgadinhos. Existiam também as barracas de jogos (buzo, roletas, etc.) e os bailes ao ar livre nos tablados armados para tal fim. Esses fatos significavam à população local noites mais alegres, iluminadas à luz do querosene e do acetileno (**é bom lembrar que a luz elétrica somente chegou em 1946**), possibilitando ao povo se divertir até mais tarde. Os bailes abrilhantados pela banda eram eventos marcantes, com grande participação popular, onde todos dançavam os mais variados ritmos musicais.

Os mais idosos recordam-se com saudades da banda tocando no “pavilhão”, no cinema mudo, dando um toque especial às cenas dramáticas e cômicas. E as inesquecíveis touradas, circos e jogos de futebol, onde os músicos também faziam parte do espetáculo! Muitos se lembram dos carnavais do passado, realizados na rua, com as célebres “cavalhadas”, com muito povo, onde a banda tinha destacada atuação, secundada pela **banda infernal**, que, com os seus instrumentos improvisados (latas, pandeiros, flautas, etc.) e gracejos, gozavam os assistentes”.



**Banda Santo Antônio
Maestro João Tonhã - 1924**

Ficaram somente as saudades e a nostalgia nos corações daqueles que amam a música instrumental. É incrível, difícil de aceitar Porangaba sem a banda. Apesar das lembranças e até de certa frustração, a vida continua e nada melhor que recordar e registrar os momentos sublimes dos músicos e as dificuldades que enfrentaram. Sem uma rigorosa cronologia, selecionamos notícias de jornais antigos, de épocas diversas, e depoimentos que comprovam o sucesso das bandas locais.

“O Progresso de Tatuhy” - edição de 03/02/1924

“Noticiou a ida da banda de Porangaba a Tatuí para participar da festa do primeiro aniversário do Elite Clube Tatuense. Comandada pelo presidente Afonso Avallone Júnior e dirigida pela maestro João Serafim de Abreu, apresentou-se brilhantemente e com enorme sucesso, tocando no baile comemorativo e no concerto público”.

- No mês seguinte, como convidada, abrilhantou a festa de inauguração da sede do Operário Futebol Clube, o mais importante clube esportivo de Tatuí na época, tocando no baile e fazendo concerto na praça pública, sendo muito elogiada pela qualidade dos seus músicos e pelo aprimorado repertório mostrado.

“Jornal de Tatuhy” - edição de 27/07/1930

Festas em Porangaba- “Encerrou-se com brilhantismo a série de festas de mais importância que o povo desta cidade promove anualmente em honra ao milagroso Santo Antônio. O movimento de gente foi admirável. Transitaram pelas ruas da cidade cerca de 40 carros de lenha, contando-se algumas carroças, oferenda essa tradicional que os carreiros fazem ao Santo. Dois volumosos leilões foram com a habilidade de sempre apregoados pelo sr. João Telles, alcançando volumosa soma. Entre as prendas, notava-se grande quantidade de assados, galinhas e leitões em pé e, até uma “saracura”. O leilão de bois foi na chácara do sr. João Batista Mendes. **Toda festa foi abrilhantada pela Banda Santo Antônio, regida por Antônio de Oliveira Pinto.** Na parte profana tivemos cururu-vitrola, cavalinho de pau, alegria e camaradagem”.

“Jornal de Tatuhy”- Edição do dia 25/10/1931

“Se há iniciativa que merece apoio e acoroamento é, sem dúvida alguma, a Banda de Música Santo Antônio. Nascida nos belos e saudosos tempos de José Antônio São Pedro, o moço português, porangabense de afeição, ela floriu esplendidamente, tendo a cercá-la, nessa boa hora, ânimos igualmente bem intencionados que contribuíram para o seu desenvolvimento e bom nome. E é verdade: a Corporação Musical Santo Antônio, oriunda de um meio modesto, talvez por isso mesmo, realçava o seu mérito junto às demais corporações musicais. Porangaba era, assim, um pequeno ninho de cultores da arte, sendo as suas figuras constantemente solicitadas pelas sociedades congêneres, que as queriam para maior brilho de suas retretas e festas. Falece, porém, José Antônio; outros que também prestigiavam-na desapareceram do seio porangabense, ficando os poucos remanescentes desencorajados para prosseguir. Só um grupo de idealistas permanece fiel à arte sublime; são os próprios figurantes. Homens de trabalho árduo e pesado, para à noite solfejarem os seus instrumentos, dando assim expansão as suas almas cultoras do belo. E, com esse estoicismo de abnegados, eles se nos apresentam em dias festivos ou solenes, enfileirados na disciplina do seu artístico mister. A extinta Câmara, pela palavra de alguns de seus responsáveis edis, ventilou sobejamente o assunto, porém, circunstâncias adversas e não bem conhecidas, privaram a Corporação Musical Santo Antônio

de uma subvenção para o seu reerguimento. Também o atual Prefeito, sr. Joaquim da Costa Machado, a que não se pode negar espírito de progresso e de iniciativa, muito se tem interessado pelo caso, tendo, em abril do corrente ano, solicitado ao Departamento da Administração Municipal licença para abrir uma verba para auxiliar a referida corporação. O pedido não foi atendido, talvez pelos dispositivos severos da lei nº 4817. Mas, não discutindo os motivos que levaram aquele Departamento a assim proceder, o certo é que uma instituição, merecedora de todo o amparo dos poderes públicos, continua no mais desolador estacionamento. Em vista da boa vontade fartamente demonstrada pelos músicos da citada corporação, que isoladamente prosseguem na sua obra de sacrifício, por amor à vocação, é justo que se facilite a eles meios condignos de seu aperfeiçoamento, procurando provê-los de recinto para o ensaio coletivo, instrumental, etc. Seria muito para desejar que a nossa Prefeitura venha a realizar o assunto, favoravelmente, no próximo exercício financeiro.”

“Jornal de Tatuhy”- Edição de 10/03/1932

“Acaba de ser reorganizada a diretoria dessa agremiação musical, que de há muito jazeu desprovida de elementos que tomassem a peito os seus destinos. É bem conhecida a causa da dispersão dos seus mentores, que em sua maioria passaram a residir fora desta localidade. A nova direção é composta de verdadeiros afeiçoados à arte musical, figurando eles membros da extinta Corporação. Embora com a mesma denominação, ela se nos apresenta com pujança e vigor das coisa que se renovam após um estágio de reconfortante repouso. Não desmerecendo a importância dos demais membros, manda, contudo o nosso critério de apreciação que destaquemos o sr. Giocondo Rossi, que muitos e relevantes serviços tem prestado à sociedade, ao lado de Domingos Manoel de Miranda e do saudoso José Antônio São Pedro. É, pois, de se esperar, que a nova fase que ora se inicia, será para a Corporação Musical Santo Antônio a continuação da boa fama que já gozara em tempos idos. Bastante animados vão os ensaios para um concerto público que solenizará a constituição da nova Diretoria, que está assim organizada: Presidente: Domingos Manoel de Miranda; Vice-Presidente: Joaquim da Costa Machado; Diretor: Giocondo Rossi; Tesoureiro: José Martins e Secretário: Luiz Carlos Vieira. A fim de auxiliar pecuniariamente a citada Corporação, a Prefeitura local, que vem de há muito trabalhando nesse sentido, votou um subvenção, que foi felizmente aprovada pelo Departamento controlador dos atos municipais. Vai nisso uma bela realização das muitas idéias esposada pelo “Jornal de Tatuhy” e nós não podemos esconder uma pontinha de felicidade que nos vai na alma ao ver coroados de êxito os esforços dos abnegados músicos que continuaram até aqui fielmente em seus postos”.



Joaquim da Costa Machado
Prefeito Municipal

Jornal de Tatuhy - Edição de 12/06/1932

“A cerimônia de consagração do estandarte da Corporação Musical Santo Antônio - Festejos promovidos pela nova diretoria”

“Conforme estava anunciado, realizou-se domingo último a cerimônia inaugural da nova fase da Banda de Música Santo Antônio. Na apreciação do conjunto festivo, ressalta de modo melodível a figura do sr. Giocondo Rossi, seu atual Diretor, que não conheceu obstáculos, nem canseiras, para dotar a nossa esforçada Corporação do instrumental necessário e outras utilidades facilmente concebíveis, próprias de erguê-la à altura que muito merece. E assim, com o patrocínio de elementos de destaque de nossa sociedade, que de melhor maneira vieram corroborar para o máximo realce da festa, deu-se início ao programa às 15 horas daquele dia. Reunida a Comissão de Festejos, os convidados e o público em geral, no Hotel Biagioni, foi ali oferecida uma mesa de chá aos presentes pela madrinha da Corporação Musical Santo Antônio. Faziam parte da referida comissão as seguintes pessoas: Senhorita prof. Ana de Souza e Augusto Angelini - paraninfos; Padre Ângelo Lemarchand, Vigário da Paróquia, **Joaquim da Costa Machado**, Giocondo Rossi, José Martins, Domingos Manoel de Miranda, Luiz Carlos Vieira, membros da citada Corporação; senhorinha prof. Maria Munhoz Soares; farmacêutica senhorinha Bruna Biagioni e outras, cujos nomes não pudemos reter, sendo o ato abrilhantado com belos trechos musicais. Em seguida, a Comissão acompanhada de compacta massa de povo dirigiu-se à nossa Igreja Matriz, postando se em frente à mesma e onde teve lugar a consagração de um riquíssimo estandarte oferecido pela madrinha da Corporação e artisticamente pintado pela exma. senhorinha prof. Maria Munhoz Soares. Nessa ocasião, o sr. Vigário fazendo uso da palavra historiou a música, arte divina, remontando-a ao tempos mitológicos de Orfeu, desde as mais priscas eras, até nossos dias, terminando com a bênção do estandarte. E seguida, o sr. Giocondo Rossi, a fim de espalhar ainda mais o entusiasmo festivo por toda cidade, convidou o povo para uma passeata nas ruas, o que foi feito debaixo de grandes demonstrações de alegria, com o concurso da Banda Musical Santo Antônio. Logo depois, voltaram ao Hotel Biagioni, onde o sr. Augusto Angelini ofereceu profuso copo de

cerveja. Por essa ocasião, pediu a palavra o sr. Joaquim da Costa Machado, prefeito municipal, e membro da Corporação, o qual pronunciou um feliz improviso, dando a conhecer os primórdios da Banda de Música Santo Antônio e terminando com palavras elogiosas aos músicos e votos de prosperidade a todos os componentes da citada Corporação.”



Agostinho Angelini

Jornal "O Progresso de Tatuí" - Edição de 15/04/1951

Festa Aviatória em Tatuí - “A festa aviatória de domingo último deve ser registrada como um acontecimento marcante na vida de nossa cidade. Não apenas pelo espetáculo empolgante que nos foi propiciado, como também, e principalmente, pela demonstração de entusiasmo de nossa gente....(houve a participação de 76 aviões e a presença de dez mil pessoas). Prestou também o seu concurso valioso a Banda Lira Musical de Porangaba, que abrilhantou os festejos de modo admirável, tendo-nos ainda proporcionado, à noite, apreciado concerto na Praça da Matriz”.

Jornal “Tribuna do Leitor”- Itapetininga - Edição de 08/12/1991

Bandinha de Porangaba - (Pingos de canção)

“Era uma manhã de dezembro. Disto eu me lembro muito bem. O ano? ... 1977. Estava eu nesse momento na ante-sala do Conservatório “Dr. Carlos de Campos”, em Tatuí, na expectativa da relação das músicas classificadas para a grande finalíssima do “Festival da Seresta” promovido pelo referido conservatório musical a realizar-se no final daquele mês. Vocês bem sabem que quando nos encontramos numa situação dessas, ou seja, em algum lugar a espera de algo, começamos a observar atentamente tudo aquilo que se passa em nosso redor. Então, prestamos atenção nas pessoas e suas conversas, na decoração do ambiente, no tilintar dos telefones e até mesmo na briga dos pardais na copa das árvores ou dos telhados. Foi assim que notei naquela ante-sala uma inscrição com esta citação: **“Quem ama a música não pode ser infeliz (Beethoven)”**. São palavras que encerram uma grande verdade e que me fizeram senti-la ainda mais verdadeira quando tive a

felicidade de conhecer essa maravilha que se chama “BANDA DE PORANGABA”. Só que para mim, ela não é uma banda, é um revoar de gaivotas, é um momento de Roselândia, é um momento de Foz do Iguaçu, é um Adeus com certeza de um novo encontro, é um sorriso de um filho querido, é uma brisa em nosso rosto. Após ela haver me inebriado, assim como a centena de pessoas que lotaram a praça durante àquela noite, e que nem mesmo a chuva conseguiu afastar, senti que independente da grandeza da qualidade dos seus músicos e de seu maestro, deveria antes ser destacada a grandeza de tudo aquilo que ela simboliza, ou seja: a solidariedade, o bom exemplo, a união, tudo isto resumido numa só palavra: “AMOR”. Tristemente, eu tenho que mencionar ao lado disto tudo, contrastando com aquela beleza, uma outra verdade, dura e crua. Enquanto aqueles “MENINOS” nos deixavam extasiados com sua magia, ali bem próximo estavam outros “MENINOS” indiferentes a tudo que se passava e bem sabemos que por uma única e melancólica razão: o vício, as más companhias e outras “coisinhas mais”, que os impedem de sentir e, consequentemente, de distribuir o que a “BANDINHA” (carinhosamente assim chamada) na sua magnitude simboliza e representa. E agora me digam: quem não se emocionou naquele momento tão sublime em que o maestro PINGO, depois que seu filho, “Pinguinho (Hudson)” solou uma canção, correu até ele e o beijou? Foi tão sublime, que só me resta concordar e fazer coro ao grande Mestre, pois, realmente, são felizes, felizes mesmo, os que amam a música. E vou mais além, furto umas palavras que vocês sabem, tenho certeza, de onde vieram, para expressar melhor o que eles me fizeram sentir: “VEJAM COMO ELES SE AMAM”. (DU BASILE)

Jornal “Folha de São Paulo” - São Paulo - Edição de 19/08/1982.

Painel da Ilustrada - Ricardo Kotscho

“No último domingo à noite, durante os tradicionais festejos de São Roque, em Porangaba, a Banda do Pingo, recentemente premiada no Festival de Inverno de Campos do Jordão, deu mais uma prova de que sobreviver como músico no Interior é difícil, mas não impossível. Veio gente de todas cidades vizinhas para ouvir com os próprios ouvidos como foi possível ao maestro Pingo, praticamente sem recursos, formar essa banda de 30 elementos (só instrumentos de sopro e uma bateria), quase todos jovens com menos de 20 anos, que pode rivalizar em qualidade com as melhores orquestras de baile do Estado. Na pequena e pobre Porangaba, agora há romaria para ver e ouvir o “milagre do Pingo”, capaz de executar um “My Way” pra Frank Sinatra nenhum botar defeito”.

Depoimento do dr. Urbano de Miranda, porangabense ilustre, março de 2004.

Anoa 20 a 40 – Século 20 – Maestro Toninho Cristovão

Maestro da banda. Responsável pela formação de centenas de músicos. Um deles, o saudoso Pedro Nogueira Filho que brilhou como componente na tradicional Orquestra Sinfônica da Rádio Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. E o Pingo? Nosso inteligente e genial Pingo, que a atual geração conhece muito bem. Grande inteligência a serviço da música e

orgulho de nós porangabenses. Naquele tempo que delícia acompanhar a Corporação Musical pela rua do Meio e rua de Cima até o coreto da Praça da Matriz. Cada dobrado, cada marcha a proporcionar tardes maravilhosas de prazer e alegria a todos nós. A Banda Musical sempre atraía a atenção do povo. Não sé pelo seu fascínio espontâneo, como, também transmitir alegria às festas porangabenses, notadamente as religiosas. No céu, Toninho eterno, na certa, estará a encantar os anjos, pois entre nós, que tanto o conhecemos, foi um verdadeiro anjo. Toninho de nossos corações.

IV. CONCLUSÃO

A velocidade do tempo é inexorável, daí a necessidade de registrar a história das bandas porangabenses e mostrar que antigamente houve muita alegria e muita música na pequena Porangaba. É preciso aproveitar o momento, ainda possível e propício, para resgatar a memória da primeira atividade cultural popular desenvolvida na antiga Bela Vista. Para melhor entender, foi preciso dividir a história das bandas em três períodos que englobam, inclusive, as fases de inatividade.

Primeiro Período: desde a formação do primeiro grupo musical, certamente antes de 1899, (já era chamada de **Banda Santo Antônio**), passando pela reorganização nos anos 1915/18, a grande fase nos anos 20 sob o comando de José Antônio São Pedro, o reerguimento em 1932 e 1938, até março/1946, quando encerrou o primeiro ciclo.

- *No primeiro período, a banda sempre esteve ligada à Igreja Católica, tocando preferencialmente nas festas religiosas; não existe qualquer referência quanto à participação fora desse âmbito, como, por exemplo, numa reunião de protestantes ou em atos de outras seitas religiosas.*

Segundo Período: de 27/03/1946, quando a primeira banda teve regularizada sua situação jurídica e passou a chamar-se, oficialmente, **Associação Cultural Santo Antônio**; abrangendo, também, a fundação do segundo grupo musical no ano de 1950 - **Corporação Musical Santa Cecília**, até 05/10/1975, quando as duas corporações se uniram e nasceu - a **Corporação Musical Porangabense**.

- *Na segunda fase passaram a ser, também, “políticas”, mantidas pelos prefeitos, militantes e chefes partidários locais.*

Terceiro Período: após a criação da **Corporação Musical Porangabense** e, inclusive, quando eclodiu aqui o maior acontecimento musical em toda história artística local, ou

seja o surgimento dentro da associação do grupo conhecido como: ***Bandinha do Pingo***.

- *Finalmente, na terceira fase, as corporações formadas tornaram-se parcialmente independentes, mas contando sempre com as parcas subvenções municipais e estaduais para sobreviver.*

Hoje, perguntamos: como as bandas sobreviveram, por tanto tempo, queiram ou não, até com certa soberba, sem recursos, sem apoio, com problemas infundáveis, por quase cem anos? A resposta é simples e, graças à evolução tecnológica ocorrida nos últimos tempos, podemos ainda ouvir as explicações dos próprios personagens, nos depoimentos dos músicos Toninho Cristovão e Janguinho em fita gravada pelo Onozor Pinto da Silva. Numa única frase, sintetizavam tudo:

- “- *A banda fazia parte da cidade e era a coisa mais importante que tínhamos*”,

que traduz o sentimento que sempre existiu no passado com a música instrumental; falavam com muito amor, carinho e orgulho, mostrando a identificação de todos com a banda musical.

Os mais idosos lembram-se com saudades das festas, leilões, procissões, bailes, quermesses, alvoradas, carnavais, circos, jogos de futebol, touradas e até enterros, onde a banda sempre se apresentou, tocou e marcou. Acontecimentos expressivos que permanecem, ainda, indelével na memória. Tudo isso acabou; é incontestável que o progresso influenciou o homem a optar pela modernidade (falam em modismo!) e a desprezar antigas tradições populares. Uns atribuem à fragilidade cultural, outros à negligência e o desinteresse - à rejeição pelo “velho”, muito comum na sociedade brasileira. Adicione-se a tudo isso outros ingredientes nocivos, predadores, como a maldade, a vaidade, a prepotência e o descaso pela arte popular, principalmente nas pequenas cidades. Não houve a mínima preocupação e nada foi feito para honrar e respeitar a memória e o trabalho desenvolvido por um grupo de homens que procurou desenvolver a música aqui, alegrando o povo. Concluindo, a grande culpa pela falência das nossas bandas é da própria sociedade, como um todo, englobando cidadãos comuns, comerciantes, autoridades, governantes, entidades e os próprios músicos, todos sensíveis à mesquinhez da política local. Conversando, então, com pessoa influente da comunidade sobre a história das bandas, ouvi a seguinte contestação:

- - “por que ***Bandinha do Pingo***?; ele não era o dono da banda!”.

A conversa acabou aí...

O mesmo já ocorreu no passado com o principal time de “futebol” – o Esporte Clube Porangabense, com o Clube Recreativo “21 de Abril” e, certamente, atingirá, no futuro

outras agremiações. Nossas tradições populares, culturais, vão aos poucos morrendo por descaso, ciúmes e ignorância. Somos todos culpados.

V. AGRADECIMENTOS

O objetivo da investigação foi alcançado - buscar notícias alusivas à primeira manifestação cultural popular e resgatar a história das bandas e dos nossos músicos. Contrastando com o momento presente, quando a banda vai desaparecendo e, principalmente, pelo tempo decorrido, ainda foi possível o resgate, embora a maioria dos participantes já nos tenha deixado e os fatos se amoldem quase que apagados nas cabeças dos últimos remanescentes.

Nada melhor do que escreveu o sociólogo e historiador Antônio Cândido sobre o significado da obra “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, cujas palavras, respeitosamente, tomamos emprestadas, pois traduzem o nosso sentimento nesta empreitada e pesquisa:-

- “*A certa altura da vida vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em auto-complacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar*”.

Agradecimento especial às seguintes pessoas que prazerosamente forneceram informações importantíssimas para o enriquecimento do trabalho:

- *Onozor Pinto da Silva (músico, poeta, incentivador); André de Almeida Machado, (maestro); Lázaro Ovídio de Miranda (Lazinho do Valêncio, colaborador) - falecidos;*
- *Lázaro Nogueira da Silva (Pingo – maestro); Carlos Roberto do Amaral Paes (advogado e músico); Círcia Machado (professora); dr. Paulo Fraletti (médico, poeta e historiador pereirense); dr. Renato Ferreira de Camargo (advogado, escritor e pesquisador tatuense); Mário Mendes Júnior (colaborador); Acácio Domingues (colaborador) e dr. Ivo Mendes (advogado e músico).*

Observação:

Felizmente, surgiu em 2005, a alvissareira notícia da reativação da banda de música em Porangaba, já no início da administração do prefeito Benedito Machado Neto, contando com os préstimos do maestro Pingo. Festivamente, então, no dia 4 de junho de 2005, no aniversário do município, a banda se apresentou na praça da matriz, com o apoio de alguns músicos veteranos e de outros convidados de cidades vizinhas, mas o ponto forte foi a participação de um grande número de aprendizes, quase 40 crianças na faixa etária de 7 a 15 anos de idade, já iniciados na arte musical. A alegria foi contagiante e o sucesso certamente será enorme, pois o futuro se apresenta, mais uma vez, promissor para a música instrumental na Cidade Sinfonia. A expectativa é positiva. Aguardemos....

VI. BIBLIOGRAFIA

- Aluísio de Almeida, “Folclore da Banda de Música”, Revista do Arquivo Municipal, CLXXVI - 1969;
- Livro de atas, Banda Santo Antônio - 1937/1946;
- Livro de atas, Associação Cultural Santo Antônio - 1946/1959;
- Livro de atas, Associação Cultural Santo Antônio - 1959-1975;
- Otto Maria Carpeaux, “Uma Nova História da Música” - Edições de Ouro - 1976;
- José Ramos Tinhorão, “História Social da Música Popular Brasileira” - Seção Gráfica da Editorial Caminho, Lisboa, Portugal - 1990.
- Carlos Roberto do Amaral Paes, “História da Bandas de Música de Porangaba”, 1989;
- Jornais: “O Progresso de Tatuhy”, (1924) (1997); “Jornal de Tatuhy”, (1930); “Cruzeiro do Sul”, Sorocaba, (1984); “Tribuna do Leitor”, Itapetininga, (1991); “Folha de São Paulo”, São Paulo, (1982).
- Carlos Penteado de Rezende, “São Paulo, Terra e Povo”; “A Música em São Paulo”, Ed. Globo – 1967.
- Fotos diversas – do arquivo do autor

Júlio Manoel Domingues

Porangaba

Junho/2005